

Anarquia & Organização

Nestor Makhno



3
5a

N.Cham. 335.83 M195a
Autor: Makhno, Nestor
Título: Anarquia e organização : plataf



13834720 Ac. 68062

BH
UFCE - BH

Apresentação

Somos o *Coletivo Editorial Luta Libertária* e este é o primeiro trabalho que publicamos. Um dos objetivos de nosso Coletivo é o de editar textos anarquistas históricos marginalizados dentro do próprio meio libertário aqui no Brasil. Não escolhemos o tema da Insurreição Makhnovista e nem selecionamos estes textos de Nestor Makhno e Piotr Archinov ao acaso, nos identificamos com o seu conteúdo e os seus propósitos, uma vez que outro objetivo de nosso modesto *Coletivo Editorial* é também o de levantar uma discussão propositiva em torno de um anarquismo social, mais combativo e presente nas lutas populares, e cremos que estes textos se afinam muito bem com esta finalidade.

Outra coisa que queremos colocar diz respeito ao título, **Anarquia e Organização**, resolvemos dar este título ao livro pelo fato do termo anarquia ter sido historicamente ligado a idéia de desordem e do próprio movimento anarquista ter recebido, em virtude de distorções de matizes diversos, a pecha de ser contra a organização de qualquer coisa que seja, nós pensamos o contrário disso e estes textos, ao nosso ver, expressam bem esta idéia de um anarquismo organizado e atuante.

Os textos que estamos publicando geraram polêmicas em seu tempo, e a julgar pelo estado em que se encontra o anarquismo hoje no Brasil, é muito possível que ainda gerem. Começamos nosso livro com um breve histórico da Insurreição Makhnovista, com o qual esperamos poder ajudar o leitor a se situar no contexto histórico e geográfico nos quais a Insurreição se desenrola. Passamos em seguida aos textos de Piotr Archinov e Nestor Makhno, para depois desembocar na *Plataforma de Organização*, no debate de Nestor Makhno e Archinov com Malatesta e em nosso texto final.

O texto de Archinov é na verdade um capítulo do livro *História do Movimento Makhnovista*, do mesmo autor, trata-se de uma avaliação crítica da participação dos anarquistas neste movimento dos trabalhadores da Ucrânia, crítica esta que ultrapassa os limites da história da Makhnovstchina e, ao nosso ver, toca em muitos pontos pertinentes para a discussão dos rumos do

anarquismo. Os textos de Makhno e Archinov foram escritos na França, em meados da década de vinte e tanto Makhno quanto Archinov faziam parte de um grupo de anarquistas russos e ucranianos exilados, o *Dielo Trouda*, com estes textos os autores e o grupo fizeram uma reflexão crítica sobre as experiências da Revolução Russa, a Insurreição Makhnovista e o papel dos anarquistas nestes episódios.

A reflexão do grupo rompe com o purismo e o dogmatismo, fatores que tem levado o anarquismo à esterilidade teórica e prática, o resultado destas reflexões foi o documento chamado *Plataforma de Organização*, que contém as propostas do grupo para o Movimento Anarquista. O documento foi lançado em 1926 provocando o debate entre os anarquistas, debate no qual Malatesta tomou parte.

A *Plataforma* esbarrou em seu tempo, no purismo e no dogmatismo que já citamos, e de certa forma, como já colocamos, acabou passando por um documento polêmico dentro do próprio anarquismo, uma vez que mesmo Malatesta chegou a acusá-lo, injustamente ao nosso ver, de "bolchevizante". A consequência foi sua marginalização, mas o documento está aí, publicado e pronto para ser discutido, esperamos que a sua publicação volte a produzir debates, só que desta vez, sem dogmas nem purismos inúteis.

Vamos fechando assim esta apresentação, o *Coletivo Editorial Luta Libertária* espera estar contribuindo assim, para o avanço do anarquismo, tanto no campo das discussões teóricas, quanto no das propostas de luta, pois não concebemos um anarquismo de burgueses festivos ou de gabinete, que não esteja ao lado das lutas populares, os textos que publicamos estão calcados em experiências de luta, das quais seus lutadores tiraram lições, desejamos com eles fazer o leitor pensar e levantar questões, queremos que fiquem inquietos e que também possam extrair lições. Boa Leitura!

Coletivo Editorial Luta Libertária

IBR/IPC

INTRODUÇÃO A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917 NA UCRÂNIA

Em fevereiro de 1917 explode na Grande Rússia uma revolução, que há muito vinha germinando, esta revolução derrubou o Tzar Nicolau II e desencadeou por todo o Império profundas mudanças, a classe trabalhadora tomou as fábricas e os campos varrendo os patrões e a aristocracia parasitária. Em uma das regiões do Império, a Ucrânia, se desenvolveria um movimento de trabalhadores de cunho libertário, era a Insurreição Makhnovista, é deste movimento e sua atuação no processo revolucionário em terras ucranianas que vamos tratar neste breve histórico.

A região ucraniana está situada ao sul da planície russa, limitada ao norte pelo Rio Dnieper, é banhada pelo Mar Negro e pelo Mar de Azov em sua parte meridional. Em virtude de seu clima mais ameno e suas terras férteis, a Ucrânia desempenhou um papel econômico de extrema importância no Império Russo. Victor Serge chegou a afirmar que era a mais rica região do império e nos fornece alguns dados; "...três quartos da produção total de carvão do império provinham da Ucrânia; analogamente, dois terços dos minérios de ferro; três quartos do manganês; dois terços do sal; quatro quintos do açúcar; e nove décimos dos cereais exportados pela Rússia..."¹ tudo isso saía da Ucrânia.

A população ucraniana, apesar do estreito parentesco étnico e dos vínculos históricos com os povos da grande Rússia, conservava particularidades de caráter nacional, língua, costumes e tradições diferenciadas que sinalizavam para uma identidade própria, à partir da qual se desenvolvia um desejo de independência em relação à Rússia. Existia portanto um nacionalismo ucraniano, que no entanto, encontrou na composição e estrutura social da região sérios problemas para crescer e tomar forma coesa.

Os ucranianos compunham a maioria esmagadora da população trabalhadora do campo, eram em geral camponeses que pagavam aluguéis para trabalhar nas terras não cultivadas dos grandes proprietários, com os quais tinham interesses evidentemente opostos. Os grandes proprietários eram na maioria estrangeiros, alemães, poloneses e russos. Nas grandes cidades havia uma predominância da população de origem russa, que formava grande

¹Serge, Victor. *O ano I da Revolução Russa*, pág. 123, p.3.

parte do proletariado industrial, mas que também ocupava os cargos da burocracia imperial, isso provocava o descontentamento da burguesia ucraniana. Os judeus eram um setor social importante na Ucrânia e controlavam o comércio e as atividades financeiras, mas a parcela empobrecida da comunidade judaica se situava entre os proletários urbanos. Já os principais ideólogos do nacionalismo ucraniano provinham da burguesia e dos setores médios das cidades, estes por sua vez não tinham inserção entre os trabalhadores urbanos e estavam distantes dos camponeses, encontravam pouco espaço para disseminar suas idéias.

Todos estes setores da sociedade ucraniana formavam um verdadeiro mosaico de diferentes interesses e perspectivas que o nacionalismo dos intelectuais e burgueses não conseguia unir, deixando aberto um espaço no qual diversas forças políticas, sociais e econômicas atuaram com objetivos também diversos. Este panorama social, juntamente com a guerra, tornou o processo revolucionário na Ucrânia extremamente conflituoso, e é neste contexto de conflito entre várias forças políticas, sociais, econômicas e militares que o movimento de trabalhadores rurais e guerrilheiros encabeçado por Nestor Makhno vai se formar e se desenvolver, enfrentando as tropas austríacas e alemãs, a contra-revolução branca²⁾, a elite local e os próprios bolcheviques.

Nestor Makhno e a Revolução de Fevereiro de 1917 na Ucrânia

Para começar a tratar do Movimento Makhnovista, é preciso deixar escritas algumas palavras acerca daquele que o encabeçou. Segundo Archinov, Nestor Makhno era filho de camponeses pobres da região de Goulai-Polé, sul da Ucrânia, desde cedo teve que trabalhar nas terras dos grandes proprietários e nas usinas da referida região. Durante a Revolução de 1905³⁾ N. Makhno lutou ao lado dos anarquistas envolvendo-se com o grupo anarquista-comunista de Goulai-Polé, no qual passou a militar. Em 1908 foi preso e condenado à morte sob a acusação de exercer atividade anarquista e terrorista, porém, em razão de sua juventude (tinha 17 anos à época), sua pena foi comutada para a de trabalhos forçados para o resto da vida, foi então enviado para Moscou, mais precisamente para a prisão de Butirki.

2) *Contra-revolução branca* ou simplesmente "brancos", assim eram chamados os partidários do czarismo, seus integrantes, em geral, faziam parte da velha nobreza russa.

3) No ano de 1905 a Rússia czarista se envolveu em guerras desastrosas contra o Japão e a Turquia, as derrotas militares com grande número de baixas, somadas as condições de miséria de povo e penúria dos soldados e marinheiros, fez despertar manifestações populares em diversas partes do império russo, numa destas manifestações em janeiro de 1905, o czar ordenou que seus guardas disparassem contra a população. Esta manifestação ficou conhecida como *Domingo Sangrento* e desencadeou um processo revolucionário, no qual surgiram os primeiros soviets (conselhos), este processo revolucionário foi inicialmente sufocado, mas voltou a irromper em 1917.

Makhno passou nove anos em Butirki, sendo posto em liberdade após a eclosão da revolução de fevereiro-março de 1917. Fora da prisão Makhno voltou para Goulai-Polé, onde recebeu as boas vindas da população e voltou a se reunir com o grupo anarquista-comunista. De novo atuando em sua região Makhno passou a discutir junto com seus companheiros de grupo os assuntos pertinentes à revolução e a atuação dos anarquistas na mesma, era preciso fazer avançar a revolução no sentido da emancipação definitiva da classe trabalhadora.

Neste momento a revolução havia dado fôlego aos nacionalistas ucranianos, a burguesia local. Entre os líderes nacionalistas estavam Jrushevski, um professor, Vinnichenko, intelectual que havia participado dos acontecimentos de 1905 e um chefe militar chamado Petliura. Os nacionalistas instituíram em março de 1917, a Rada Central Ucraniana, que começou como uma espécie de soviete, mas na medida em que ganhava força assumia as tarefas de uma assembleia nacional. No mês de junho de 1917 a Rada Central publicou um decreto no qual proclamava a República Autônoma Ucraniana e nomeava um Secretariado Geral, no entanto, declarava também que a intenção da Rada não era a de se separar da Rússia. Na Rússia o Governo Provisório⁴⁾ não via com bons olhos o impulso autonomista ucraniano, mas como fazia em relação a qualquer questão importante, declarou que o assunto seria submetido ao juízo de uma futura assembleia constituinte, tal atitude só servia para demonstrar a fraqueza do Governo Provisório.

A política da Rada Central era de contenção do ímpeto revolucionário e visava o estabelecimento de uma democracia (burguesa) de tipo ocidental na Ucrânia, portanto, não se diferenciava muito da que praticava o Governo Provisório estabelecido em Petrogrado (então capital da Rússia), esta política produzia um profundo descontentamento nas camadas mais baixas da população e nas forças políticas interessadas em acelerar o processo revolucionário. Tal descontentamento levou segmentos políticos tais como os anarquistas, SR de esquerda⁵⁾ e bolcheviques, estes últimos com pouca presença na Ucrânia, a identificar tanto a Rada Central e seu Secretariado, quanto o Governo Provisório

4) O Governo Provisório foi formado em março de 1917, com abdicação do Tzar, logo após a eclosão do processo revolucionário detonado em fevereiro, era formado por políticos liberais e socialistas reformistas. O Governo Provisório prometia uma constituição para a Rússia e a instalação de um regime democrático burguês nos moldes da Europa ocidental.

5) SR: *Partido Socialista Revolucionário*, este partido tem suas origens no populismo russo do século XIX acreditavam que os camponeses seriam a principal força revolucionária na Rússia, ao longo do processo revolucionário de 1917 o partido se dividiu em duas correntes, os SR de direita e os SR de esquerda. Os primeiros logo se aliaram ao Governo Provisório e rejeitaram a via revolucionária. Os segundos passaram a defender a via revolucionária e foram aliados dos bolcheviques durante algum tempo, mesmo após as Jornadas de Outubro, sendo algum tempo após esmagados pelos antigos aliados.

de Petrogrado, com a contra-revolução, e estavam cobertos de razão nisso.

O grupo anarquista-comunista de Goulai-Polé, após algumas reuniões decidiu intensificar a luta contra a Rada Central e o Governo Provisório, e pretendia fazer isso através da mobilização de camponeses e operários contra os grandes proprietários, os camponeses ricos (*koulaki*) e contra a burguesia, visavam a expropriação desses setores em proveito dos camponeses e operários e assim enfraquecer a base de sustentação da Rada Central. Foi então iniciado um trabalho de propaganda e organização entre os camponeses e operários de Goulai-Polé tendo em vista alcançar também outras regiões.

A ação do grupo anarquista-comunista de Goulai-Polé serviu para impulsionar e dar uma direção e um caráter mais orgânico à ação espontânea dos camponeses, também levou Makhno à presidência da União dos Camponeses, da comissão agrícola, da União Profissional dos Operários Metalúrgicos e Marceneiros, e posteriormente à presidência do Soviete dos Camponeses e operários de Goulai-Polé.

O combate em defesa da revolução empreendido em Goulai-Polé por Makhno e seu grupo tem no mês de agosto um momento decisivo, a contra-revolução procurava ganhar terreno e neste mês aconteceu a tentativa de golpe liderada pelo general czarista Korniloff. Diante desta ameaça o Soviete dos Camponeses se reuniu em assembléia e decidiu pela formação em Goulai-Polé de um Comitê de Defesa da Revolução, este Comitê formado em Goulai-Polé deveria, segundo Makhno, não só combater Korniloff, mas também o Governo Provisório, deveria também fazer avançar a revolução. Assim, o Comitê também decidiu pelo desarmamento da burguesia e dos proprietários rurais e pela distribuição das armas aos camponeses e operários mobilizados pelo Comitê, pela anulação dos direitos dos proprietários sobre as terras, as fábricas, pois os bens sociais deveriam pertencer a coletividade, foi decidido também restringir o poder de decisão dos Comitês Comuns, vinculados ao Governo Provisório. Estas tarefas foram executadas, segundo Makhno, sem derramamento de sangue e atingiram também outros distritos, como Marinopol, Berdiansk e etc...

Após os sucessos de agosto de 1917 foi convocado para Goulai-Polé um Congresso dos Sovietes, o qual aprovou as decisões e a ação do Comitê de Defesa das Revoluções, no entanto, as forças ligadas à Rada Central e ao Governo Provisório, nomeadamente os SD-Mencheviques⁶⁵, SR de direita e

⁶⁵ POSDR: Partido Operário Social-Democrata Russo, eram socialistas marxistas. À partir de um congresso realizado em 1903 ficou dividido em duas grandes facções, SD mencheviques e SD bolcheviques. Os primeiros defendiam que o socialismo viria após o pleno desenvolvimento do capitalismo na Rússia, tal concepção os levou a buscar a aliança com a burguesia e à rejeição da via revolucionária para se chegar ao socialismo. Os bolcheviques eram adeptos da tomada violenta do poder e da implantação do socialismo através de uma forte ditadura. Lenin fazia parte desta facção, que com a revolução, dará origem ao Partido Comunista da União Soviética.

Cadetes⁶⁶, presentes no Comitê Executivo Departamental do Soviete dos Deputados Operários, Camponeses e Soldados de Ekaterionoslav e em Alexandrovsk, iniciaram uma campanha contra as medidas tomadas pelo Comitê de Defesa da Revolução e contra o Soviete de Goulai-Polé. Esta luta se arrastou por meses, com episódios como a ida de uma delegação de Goulai-Polé à Alexandrovsk para falar aos operários e convence-los a dissolver o Comitê Executivo dos Sovietes dos Deputados Operários e Camponeses do referido distrito, intento que foi conseguido, mudando a composição deste Comitê Executivo, que à partir de então contava com a predominância dos SR de esquerda, bolcheviques e anarquistas. Mas a luta continuou até que os efeitos das jornadas de outubro⁶⁷ chegassem à Ucrânia.

Os Reflexos de Outubro na Ucrânia

As jornadas de outubro derrubaram o Governo Provisório de Kerenski e levaram os bolcheviques, aliados aos SR de esquerda, a assumir o poder na Rússia. Na Ucrânia, no entanto, os acontecimentos tiveram um rumo diferente; para começar, os efeitos da queda do Governo Provisório só começaram a se manifestar mais claramente nos meses de novembro e dezembro de 1917.

A queda do Governo Provisório incentivou ainda mais aos nacionalistas da Rada, que já em novembro proclamou a República do Povo Ucrâniano, sem ainda romper com Petrogrado. O Secretariado Geral transformou-se em um gabinete governamental regular, Vinnichenko assumiu como Primeiro Ministro e Petliura como Secretario para Assuntos Militares.

Aparentemente não havia problema algum entre os novos senhores do governo de Petrogrado e a Rada, pois os bolcheviques já haviam se manifestado a favor da autodeterminação dos povos, mas a realidade se mostrou mais complicada, as tensões foram se acumulando com o passar dos meses, a negligência ao pedido de empréstimo feito pela Rada ao Banco do Estado de Petrogrado para o pagamento dos ferroviários empurrou a Rada para uma política cada vez mais independentista, ainda em dezembro passou a emitir papel moeda. A Rada passou também a fazer uma política ambígua em relação a Petrogrado, não rompia os laços, mas ao mesmo tempo desarmava a Guarda Vermelha, facilitava a formação e a movimentação das tropas "brancas"

⁶⁶ Cadetes: este era o nome dado aos membros do Partido Constitucional Democrata, em virtude de sua sigla em russo ser KD. O KD era o partido dos burgueses liberais e reformistas.

⁶⁷ Quando nos reportamos às Jornadas de Outubro, estamos nos referindo à movimentação armada dos bolcheviques que derrubou o Governo Provisório e os levou ao poder.

chefiadas pelos generais Korniloff e Kaledin,.

Os Bolcheviques, que tinham uma influência muito pequena na Ucrânia, por sua vez enviaram à Rada um comunicado, no qual reconheciam a República Ucraniana, mas também acusavam seu governo e a Rada de fazer uma política burguesa, faziam cobranças de caráter militar, como colaboração no combate aos "brancos" e terminavam com a ameaça de guerra caso as cobranças não fossem atendidas. Deste momento em diante o conflito entre Petrogrado e Kiev (capital da Ucrânia) só se agravou, culminando no rompimento com a Rússia e na proclamação da independência ucraniana em janeiro de 1918, esta atitude da Rada levou ao enfrentamento militar, no qual a Rada foi derrotada, perdendo Kiev para os Bolcheviques.

Este período conturbado foi também de muita atividade para o grupo de Nestor Makhno e as forças ligadas aos anarquistas, que diante do conflito entre Petrogrado e a Rada se posicionaram ao lado dos bolcheviques e dos SR de esquerda formando uma frente única em defesa da revolução. Tanto Makhno, que já havia armado os camponeses de Goulai-Polé, quanto outros anarquistas, se organizaram para a luta armada contra as forças contra-revolucionárias da Rada, foram travados vários combates e os camponeses armados acudiram cidades como Alexandrovsk, aonde Nestor Makhno permaneceu por algum tempo junto com seu destacamento, integrando o Comitê Revolucionário até retornar à Goulai-Polé.

A Rada não havia sido de todo derrotada e ainda conservava setores do território ucraniano sob sua influência e reagiu buscando uma aproximação com as forças militares estrangeiras, primeiro franceses e ingleses, depois o acordo com os alemães, que finalmente levou os nacionalistas ucranianos de volta a Kiev, porém, não por muito tempo, pois em abril de 1918 as mesmas tropas alemãs que haviam ajudado os nacionalistas na recuperação de seu poder, os destituíram colocando em seu lugar um governo títere encabeçado pelo *hetman*¹⁰⁹ Skoropadski. Este episódio marca a ocupação da Ucrânia pelas tropas austro-alemãs e húngaras e o recuo das forças revolucionárias.

Tratados de Brest-Litovsk, Ocupação Alemã e a Insurreição Camponesa

Em 3 março de 1918 o governo bolchevique de Petrogrado assina o Tratado de Brest-Litovsk com o governo alemão, pois uma das promessas dos

¹⁰⁹ *Hetman* é o título que os cossacos ucranianos dão aos seus chefes. O czar russo se servia dos serviços militares dos cossacos, após a revolução, muitos grupos de cossacos se uniram às forças contra-revolucionárias.

bolcheviques era a de tirar a Rússia da Primeira Guerra Mundial¹¹⁰, em meio ao avanço alemão e após muito debate entre os novos senhores do poder, venceu a proposta de Lênin, que consistia na imediata assinatura de um tratado de paz sem cláusulas condicionantes e sem maiores discussões. O tratado de Brest-Litovsk foi então assinado e deixou as regiões como a Ucrânia a mercê das tropas alemãs, que viam nas novas anexações a possibilidade de empreender o saque com vistas a suprir suas necessidades de abastecimento.

Como já foi colocado, os austro-alemães foram à Ucrânia primeiro em socorro da Rada, mas com o Tratado de Brest-Litovsk se tornaram senhores da região, praticando todo tipo de arbitrariedades contra a população, apoiando a contra-revolução e descartando a própria Rada pouco tempo depois.

A presença alemã, marcada pela violência e pela supressão de todas as conquistas da revolução, porém, não conseguiu manter a população pacífica. O governo fantoche do *hetman* não dispunha de nenhuma legitimidade perante a população, e espontaneamente diversas rebeliões camponesas eclodiam por toda Ucrânia. Estas rebeliões espontâneas no início não estavam vinculadas diretamente a nenhuma organização política, mas na medida em iam se sucedendo foram se formando comandos de franco-atiradores e guerrilheiros vinculados a forças políticas das mais diversas.

O Movimento Insurrecional Makhnovista

Com a entrada das tropas austro-alemãs na Ucrânia e o recuo das forças revolucionárias, Nestor Makhno passou a ser caçado pelas forças da contra-revolução, foi então para a Rússia. Makhno estava em Moscou quando se difundiam as notícias pertinentes aos motins camponeses em sua terra natal. A ação dos camponeses fez com que Makhno se animasse a voltar para Goulai-Polé com o intuito de retomar suas atividades, fez isso durante o mês de julho de 1918.

Em Goulai-Polé, Makhno e seu grupo retomam rapidamente suas atividades impulsionando os camponeses ao combate contra os austro-alemães e o títere Skoropadski. O grupo de Makhno começou a agir como franco-atiradores, armando emboscadas contra os alemães e as forças contra-revolucionárias sustentadas pelos proprietários rurais.

Ao passo que a luta se intensificava, as forças insurrecionais sob o

¹¹⁰ A Primeira Guerra Mundial estourou em 1914, de um lado estava a Alemanha em aliança com o Império Austro-Húngaro e Turquia, do outro Inglaterra, França, Rússia e mais outros países. O exército russo vinha sofrendo derrotas vergonhosas nos campos de batalha, sempre com grande perda de vidas, a insatisfação popular com a guerra foi um dos ingredientes que fez explodir a revolução.

comando de Makhno cresciam e a elas se uniam outros destacamentos de guerrilheiros, como os de Korilenko, da região de Berdiansk, Stchuss e de Petrenko-Platonov atuantes nas regiões de Dibrivka e do Grichino. Assim, formou-se na Ucrânia meridional um forte exército insurrecional, organizado de forma popular e democrática, na base do voluntariado e do princípio eletivo para todas as graduações, disciplina aceita livremente e com regras elaboradas em comissões de combatentes. Makhno foi o principal articulador da unificação dos comandos guerrilheiros na luta contra os austro-alemães e a contra-revolução no sul da Ucrânia. Pelo seu destaque como combatente passou a ser chamado de *batko* (pai, guia), segundo Archinov, foi Stchuss que após uma batalha contra os austro-alemães em Grande Mikailovska, quem começou a chamar Makhno de *batko*.

Nas aldeias o Exército Insurrecional realizava congressos com delegados camponeses, operários e guerrilheiros, os incentivando a tomar o controle das terras e da produção e a se organizarem em soviets ou comunas livres, independentes dos partidos políticos, subordinados apenas à vontade dos camponeses e operários.

Nos campos de batalha os austro-alemães estavam sendo derrotados e se retiravam, as forças contra-revolucionárias de Skoropadski também estavam sendo derrotadas. Havia a seguinte situação; de um lado estavam sendo batidas pelo Exército Insurrecional, liderado por Makhno, de outro pelos nacionalistas sob o comando de Petliura, que percebendo que poderiam tirar proveito da situação para voltar ao poder, também iniciaram sua luta armada, obtendo êxito em centros urbanos como Kiev. Os bolcheviques, em virtude do tratado de Brest-Litovsk praticamente não tomaram parte nesta luta. Finalmente em dezembro de 1918 os austro-alemães e seu títere Skoropadski haviam sido enxotados da Ucrânia. Assim, após a derrota dos austro-alemães e de Skoropadski a Ucrânia encontrou-se dividida, ao sul estava o Exército Insurrecional e a oeste e noroeste os nacionalistas de Petliura. Uma nova luta começou.

Petliura

Os nacionalistas tiraram proveito da luta contra as tropas de ocupação austro-alemãs para proclamar novamente sua República Nacional, contaram com a simpatia momentânea da população, em especial a das regiões oeste e noroeste. Mas a política dos nacionalistas não havia mudado, eram representantes da burguesia liberal e estavam interessados em restaurar a ordem

burguesa, mas esbarraram nos interesses contraditórios das classes sociais, os camponeses pobres e os operários não estavam interessados na política de Petliura e este perdeu apoio o popular mais rápido do que havia conseguido.

Petliura tentou uma aproximação com o Exército Insurrecional, tinha pouca informação a seu respeito e por isso enviou um questionário à Makhno. Queria saber a opinião do Exército Insurrecional sobre os novos senhores de Kiev, o Exército Insurrecional respondeu afirmando seus objetivos divergentes, pois Petliura estava ligado à burguesia e seus interesses, e o Exército Insurrecional estava vinculado à classe trabalhadora, principalmente aos camponeses pobres. O conflito armado estava declarado.

Mas Petliura não tinha problemas só com o Exército Insurrecional, os bolcheviques iniciaram também uma campanha contra os nacionalistas ucranianos, que deste modo eram combatidos ao sul pelo Exército Insurrecional Makhnovista e ao norte pelos bolcheviques. Foi estabelecida a cooperação entre bolcheviques e makhnovistas e os nacionalistas de Petliura foram esmagados. Entre janeiro e fevereiro de 1919 os bolcheviques deram o golpe decisivo em Petliura se apoderando de Kiev. Desde então Petliura se refugiaria e ainda faria tentativas de se assenhorar da Ucrânia, voltou a Kiev durante a ofensiva do general czarista Denikin, sendo desalojado por este último. Enquanto isso na região de Goulai-Polé os makhnovistas seguiam seu trabalho junto aos camponeses, estabelecendo soviets e comunas sob controle dos trabalhadores, combatendo tanto Petliura quanto os "brancos" de Denikin. Petliura terminou seus dias na Polônia.

O Combate à Contra-Revolução "Branca" e os Conflitos com a Ditadura Bolchevique

Paralelamente ao movimento nacionalista de Petliura, uma outra força contra-revolucionária vinha se formando já há anos em território ucraniano, era a contra-revolução "branca", cujo objetivo era restituir o regime czarista, em janeiro de 1919 as tropas "brancas" estavam sob o comando do general Denikin. Estas tropas estavam se concentrando na região do mar de Azov e representavam um perigo para a revolução.

Diante da ameaça foi convocado para Goulai-Polé o IIº Congresso dos Camponeses, Operários e Partidários, que se realizou em 12 de Fevereiro de 1919. Este congresso decidiu fazer uma convocação pela mobilização de voluntários. Nessa época o Exército Insurrecional contava com um efetivo de 20.000 combatentes voluntários, mas era preciso recrutar mais efetivos para

enfrentar as tropas de Denikin. A convocação foi atendida por um grande número de voluntários, mas faltavam armas para todos.

O IIº Congresso também criou o Soviete Revolucionário Militar da região, cujo objetivo era dar maior coesão e coordenação ao combate à contra-revolução. Sua função era executiva e estava submetido às decisões dos congressos camponeses e operários. O soviete era composto de representantes dos 32 distritos de Ekaterionoslav e Táurida, além dos representantes dos destacamentos insurrecionais.

Desde janeiro de 1919 os makhnovistas enfrentavam os ataques promovidos pelos "brancos". Denikin não contava com uma resistência tão tenaz por parte dos camponeses e do Exército Insurrecional. A primeira ofensiva de Denikin, acompanhada de pilhagens e *progroms*⁽¹¹⁾ contra judeus, foi derrotada e Denikin foi forçado a recuar, pois pretendia preparar uma nova ofensiva. Nesse espaço de tempo chegaram os bolcheviques.

Os primeiros destacamentos bolcheviques chegaram à Goulai-Polé em março de 1919, e foi estabelecido um acordo entre o Exército Insurrecional e os bolcheviques, que combateriam Denikin em conjunto, então o Exército Insurrecional incorporou-se ao Exército Vermelho com base nas seguintes condições:

- a) manter sua organização interna;
- b) receber comissários políticos nomeados pela autoridade comunista;
- c) só estar subordinado ao comando superior do Exército Vermelho naquilo que se referir exclusivamente às operações militares;
- d) não ser retirado da frente contra Denikin;
- e) obter munições e ser abastecido proporcionalmente ao que recebesse o Exército Vermelho
- f) manter o nome de Exército Revolucionário Insurrecional e suas bandeiras negras.

A aliança com os bolcheviques era estritamente militar, visando a derrota de Denikin, pois no plano político as opiniões quanto ao rumo que deveria tomar a revolução eram bem diferentes. Estas divergências quanto ao rumo da revolução provocariam mais tarde violentos conflitos entre os makhnovistas e a ditadura bolchevique, que à essa altura já havia relegado aos sovietes um papel submisso, a palavra de ordem "todo poder aos sovietes" não tinha mais significado algum sob a ditadura do partido sobre o proletariado.

O ponto de vista dos makhnovistas a respeito da revolução era libertário,

⁽¹¹⁾ extermínio em massa de judeus.

os makhnovistas defendiam a criação de sovietes controlados pelos operários e camponeses e não pelo partido no poder, defendiam a auto-organização dos trabalhadores. Tal direcionamento os levava a uma concepção anarquista da organização social, portanto, o embate com a ditadura bolchevique e seu poder centralizado seria inevitável e mais cedo ou mais tarde ocorreria.

Mesmo com as evidentes divergências, os bolcheviques cultivaram ainda durante algum tempo a idéia de que poderiam de fato absorver o Exército Insurrecional nos efetivos do Exército Vermelho e assim impor sua ditadura sobre as regiões influenciadas pelos makhnovistas. Percebendo que seu intento não seria facilmente conseguido, iniciaram uma campanha difamatória contra Makhno e o Exército Insurrecional, uma campanha recheada de mentiras e mistificações, que mais tarde envolveu a sabotagem e a ação armada contra os makhnovistas, que passaram a ser chamados de bandidos, contra-revolucionários e aliados dos *koulakis*. Tais acusações eram totalmente falsas, e só podem ser compreendidas, porém, não aceitas, como arma de guerra.

Enquanto os bolcheviques procuravam se apoderar da região dos sovietes livres combatendo os makhnovistas, privando-os do acesso a munições e os difamando, Denikin preparava uma outra ofensiva, esta mais poderosa. Frente a este perigo, o Soviete Revolucionário Militar resolveu convocar o IIIº Congresso Regional dos Camponeses, Operários e Partidários. Este congresso teve início em 10 de abril de 1919, e deveria discutir a conjuntura do momento e a ação revolucionária na região. Mas no seu transcorrer os bolcheviques enviaram ao congresso um comunicado no qual o declarava contra-revolucionário e que pretendiam por seus organizadores fora da lei. Tal ordem não só foi contestada como desobedecida, e as tensões se acumulavam cada vez mais.

Foi nesse momento em que um chefe militar de nome Gregoriev, que já havia servido ao Tzar, a Petliura e aos bolcheviques se lançou em uma aventura militar de caráter anti-soviético. Tal acontecimento fez com que os bolcheviques pedissem a colaboração de Makhno e novamente passaram a cortejar os makhnovistas. Mas a ação de Gregoriev ficou restrita à região Kherson, no sul da Ucrânia, até que em julho de 1919 Gregoriev foi morto junto com seu estado-maior, em um congresso de insurgidos onde defendeu publicamente a adesão à Denikin, sendo combatido e desmascarado e apontado como autêntico contra-revolucionário pelos makhnovistas.

No mês de maio de 1919 Denikin retomou a ofensiva com ajuda dos cossacos. A ofensiva "branca" leva o Soviete Revolucionário Militar a convocar um outro congresso, este extraordinário, para examinar a melhor maneira de

defender a região. Novamente os bolcheviques, na pessoa de Trotski, resolvem agir contra a convocação de um congresso de delegados camponeses, operários e partidários, acusando-o com a velha ladainha de ser contra-revolucionário, pois afinal de contas eles não poderiam tolerar uma ação que não fosse subordinada à ditadura de seu partido. Makhno passou a ser perseguido pelos novos ditadores e teve que se afastar de seu posto de comando. Os bolcheviques tentaram capturá-lo para em seguida o assassinar, mas não conseguiram, e não contentes iniciaram a destruição das comunas e soviets livres, assassinando qualquer um que contestasse sua política ou tivesse envolvimento com os makhnovistas.

Denikin avançava independentemente das acusações falsas e perseguições feitas pelos bolcheviques contra os camponeses makhnovistas. Quando os bolcheviques se deram conta da situação retiraram o Exército Vermelho da Ucrânia, provavelmente considerando a possibilidade de Denikin aniquilar os makhnovistas e as conquistas revolucionárias, pensando que talvez pudessem voltar à Ucrânia, julgando que combater apenas a contra-revolução "branca" lhes seria muito mais fácil.

O Exército Insurrecional, isolado e insuficientemente armado, se viu obrigado a recuar até que só lhe restasse uma alternativa; empreender a todo custo uma contra-ofensiva, a qual vários regimentos do Exército Vermelho se uniram, uma vez que não estavam satisfeitos com a fuga de seus comandantes. Esta contra-ofensiva teve sua batalha decisiva em Peregonkova, em setembro de 1919. O Exército Insurrecional infligiu uma grave derrota a Denikin, e este se viu obrigado iniciar uma rápida retirada rumo ao sul.

Reorganizado o Exército Insurrecional, seguiu lutando contra Denikin e minando sua retaguarda. Com as tropas de Denikin sensivelmente enfraquecidas os bolcheviques resolveram voltar à Ucrânia travando alguns combates contra o que havia restado das forças "brancas", mas o vigor de Denikin já havia sido cortado pelos makhnovistas.

A situação de guerra na Ucrânia tornou as condições de vida mais precárias, a reorganização da vida social em bases revolucionárias também se dificultava, fazendo com que o Exército Insurrecional restringisse muito suas atividades aos seus aspectos militares. Para aumentar os problemas já existentes surge uma epidemia de tifo que atingiu parte considerável das forças makhnovistas, inclusive o próprio Makhno. Nesse contexto complicado a direção bolchevique inicia sua Segunda campanha caluniosa e armada contra os makhnovistas, à qual os makhnovistas reagiram com ações de guerrilha contra o Exército Vermelho e a burocracia da ditadura bolchevique que se

instalava na Ucrânia pela força militar.

A derrota de Denikin não significou o fim da contra-revolução "branca", a nova ofensiva contra-revolucionária se iniciou na primavera de 1920 e avançava sob o comando de um outro general, Wrangel. Os "brancos" estavam ganhando terreno e vendo-se novamente diante da ameaça contra-revolucionária os makhnovistas propõe aos bolcheviques um acordo político-militar para que pudessem empreender uma contra-ofensiva. Os bolcheviques não só demoraram para responder como continuaram difamando os makhnovistas em sua imprensa, chegando inclusive a afirmarem que existia um acordo entre Wrangel e Makhno, nada mais absurdo. Os bolcheviques só responderam à proposta dos makhnovistas quando tiveram que abandonar Ekatérionoslav frente ao avanço de Wrangel.

O acordo entre os makhnovistas e os bolcheviques foi firmado entre 10 e 15 de outubro de 1920. No tocante ao acordo político foi firmado que seria cessada a perseguição aos anarquistas e makhnovistas e aqueles que estivessem presos seriam libertados; liberdade de expressão à anarquistas e makhnovistas; livre participação nas eleições dos soviets. O acordo militar firmava que o Exército Insurrecional combateria sob o comando superior do Exército Vermelho, mas manteria sua estruturação interna. Porém, e por insistência dos chefes bolcheviques o Exército Insurrecional não poderia aceitar em suas fileiras desertores do Exército Vermelho, uma vez que em diversas ocasiões em conflitos anteriores destacamentos inteiros chegavam a passar para as fileiras makhnovistas.

Firmado o acordo iniciou-se a contra-ofensiva na qual os makhnovistas desempenharam um papel decisivo. Em novembro de 1920 Wrangel estava derrotado. Estava evidente que os bolcheviques não respeitariam o acordo, a sua forma anterior de agir em relação ao Exército Insurrecional e à região de Goulai-Polé e seus soviets autônomos já demonstrava isso claramente. Os bolcheviques atacaram os makhnovistas traiçoeiramente no istmo de Perekop, assim iniciam-se de novo os combates entre makhnovistas e bolcheviques, estes últimos ainda tentaram dispersar os efetivos makhnovistas entre os regimentos do Exército Vermelho, mas era impossível haver qualquer conciliação. Não era só a defesa de um território que estava em jogo, como aqueles que querem oferecer uma visão simplista e oficialista (pró-ditadura bolchevique) deste episódio da revolução podem afirmar, eram duas idéias diferentes a respeito da revolução que estavam em luta.

Os makhnovistas seguiram lutando contra os bolcheviques. Lhes infligiram algumas derrotas militares, mas a superioridade numérica e o poder

de fogo da ditadura bolchevique fez com que em agosto de 1921 a insurreição makhnovista chegasse ao fim. Ferido e sem ter mais condições materiais de combater, Nestor Makhno e outros combatentes do Exército Insurrecional atravessaram a fronteira com a Romênia no dia 21 de agosto, Makhno ainda esteve preso na Polônia e quando solto seguiu depois para seu exílio na França aonde fundou com outros anarquistas russos exilados o grupo *Dielo Trouda*. Nestor Makhno morreu no exílio em 1935.

Luta Libertária

A MAKHNOVSTCHINA E O ANARQUISMO

PIOTR ARCHINOV

O anarquismo abrange dois mundos: o das idéias propriamente ditas, da filosofia, e o das ações e realizações práticas. Ambos estão intimamente ligados entre si. A classe operária em luta preocupa-se naturalmente mais com o lado concreto e prático do anarquismo. O seu princípio essencial e fundamental é o da iniciativa revolucionária dos trabalhadores e a sua libertação pelas suas próprias forças. Deste princípio deduz-se naturalmente o da negação do Estado, assim como da autodeterminação dos trabalhadores na sociedade nova. Contudo, até o presente, a história das lutas proletárias não nos deu o exemplo de um movimento de massas guiado pelo princípio anarquista puro. Todos os movimentos operários e camponeses que se deram até aqui desenrolaram-se nos limites do regime capitalista e apenas têm sido mais ou menos atingidos de anarquismo. Isto é perfeitamente natural e compreensível. As classes laboriosas agem não no mundo do desejado, mas no que existe; estão diariamente em luta com a ação física e psíquica das forças hostis. Além do mundo das idéias anarquistas, que tem apenas uma fraca extensão, os trabalhadores sofrem constantemente a influência de todo o meio real do regime capitalista e dos grupos intermediários.

As condições da vida moderna rodeiam os trabalhadores por todos os lados, encerram-nos como os peixes o são pelas águas do mar. Os trabalhadores não podem sair deste ambiente. É por isso que é muito natural que a luta que sustentam traga o selo de diversas condições e particularidades do que já existe. Nunca esta luta pode nascer e manifestar-se sob uma forma anarquista nitidamente marcada e responder a todas as aspirações ideais. Uma semelhante forma só seria possível em círculos políticos restritos e, então, também só em planos e programas e não na prática.

Quanto às massas populares, quando travam a luta, sobretudo uma luta de amplas dimensões, cometem no princípio, inevitavelmente, erros, admitem antinomias e desvios. Só no decurso da luta é que elas poderão corrigir a sua linha de combate segundo o ideal para que tendem.

Foi sempre assim. E assim será no futuro. Por maior que seja o cuidado

com que previamente, em tempo de paz, tenhamos preparado as organizações da classe operária – no primeiro dia da luta decisiva das massas, tudo se passará de uma maneira diversa do que faria prever o plano pensado com antecedência; sucederá em certos casos que o próprio fato da ação das grandes massas desorganize algumas posições preparadas; em outros casos, os desvios e os choques das massas tornarão necessária a modificação das disposições já tomadas. E só gradualmente é que o movimento imenso das massas tomará a via delimitada em princípio e conduzindo ao objetivo que tem em vista.

Isto não quer dizer, de modo nenhum, que a organização prévia das forças e das posições da classe operária seja supérflua. Pelo contrário, um trabalho preparatório desse gênero é uma condição absoluta da vitória dos trabalhadores. O que se deve é ter sempre presente que isso não é o coroamento da obra e que, mesmo tendo-se realizado esse trabalho, o movimento exigirá ainda uma grande perspicácia de todos os instantes e uma faculdade de orientação muito viva nas novas circunstâncias nascentes. Numa palavra, será preciso realizar uma estratégia revolucionária de classe e é disso que dependerá num grau considerável o futuro do movimento.

O ideal do anarquismo é grande e rico na sua multiplicidade. Contudo, o papel dos anarquistas na luta social das massas é modesto. O seu fim é ajudar as massas a entrar na verdadeira via da luta e da edificação da sociedade nova. Enquanto o movimento das massas não tomar a via da colisão coletiva, o dever dos anarquistas é auxiliar as massas a interpretar a significação da luta que as espera, a definir as obras a realizar e os seus objetivos, a tomar as necessárias disposições de combate e a organizar suas forças. Se o movimento passou já ao período do conflito decisivo, os anarquistas deverão precipitar-se nele sem perderem um instante; deverão fazer tudo o que depender deles para auxiliar as massas a libertar-se dos desvios errôneos, para sustentar os seus primeiros ensaios construtivos, servi-los pelo pensamento, procurando fazer de maneira que o movimento siga firmemente pelo caminho direito que conduz às aspirações essenciais dos trabalhadores. É nisto que consiste o objetivo principal, para não dizer único, durante a fase da Revolução. O classe operária, logo que se apoderar das posições da luta e da edificação social, não cederá a mais ninguém a iniciativa do trabalho criador. Deixar-se-á dirigir pelo seu próprio pensamento, criará a sociedade nova segundo seu próprio plano. Quer seja plano anarquista ou não, esse plano, assim como a sociedade nova nele baseada, sairão do seio do trabalho libertado, sendo preparados pelo seu pensamento e pela sua vontade.

Estudando a makhnovstchina, reparamos logo em dois aspectos essenciais

desse movimento; 1º) O seu caráter verdadeiramente popular e proveniente das próprias camadas proletárias; o movimento surgiu de baixo, das profundezas da massa trabalhadora; em toda sua duração, são as próprias massas populares que o sustentam, o desenvolvem e o dirigem; 2º) Esse traço distintivo de desde os seus primeiros dias se ter apoiado, não só instintivamente mas também conscientemente, sobre certos princípios incontestavelmente anarquistas:

- a) O direito dos trabalhadores a uma iniciativa completa;
- b) O seu direito a autodeterminação econômica e social;
- c) O princípio do não estatismo na edificação social.

Em todas as fases do seu desenvolvimento, a makhnovstchina manteve estes princípios com tenacidade e consequência. Em nome destas idéias, o movimento suportou a morte de duzentos ou trezentos mil dos melhores filhos do povo, recusou-se a enfeudar-se a qualquer força estatista que fosse e sustentou ao alto, durante três anos, em condições de uma dificuldade inaudita e com um heroísmo raro na história humana, a bandeira negra da humanidade oprimida, estandarte no qual estão inscritas: a verdadeira liberdade dos trabalhadores e a verdadeira igualdade no seio da sociedade nova.

Nós temos na makhnovstchina um movimento anarquista das classes laboriosas – não completamente acabado, não inteiramente cristalizado, mas aspirando ao ideal e encaminhado na via libertária.

Mas exatamente porque este movimento saíra das profundas camadas do povo, não dispunha das forças teóricas necessárias, das forças de generalização indispensáveis a cada grande movimento social. Este defeito manifestou-se, entre outras coisas, em que o movimento, colocado em face das condições gerais, não chegava a estabelecer a tempo suas idéias e os preceitos próprios, a elaborar as suas fórmulas práticas concretas. É por isso que o movimento avançava lentamente e com custo, devido sobretudo às forças inimigas múltiplas que o atacavam.

Estava-se no direito de contar que os anarquistas – que tinham sempre falado de um movimento revolucionário das massas, que o tinham esperado durante anos, como a vinda de um novo Messias – se apressariam a juntar-se a esse movimento, a dedicar-se-lhe, a fundir-se integralmente com ele. Não sucedeu assim.

A maior parte dos anarquistas russos que tinham passado pela escola teórica de anarquismo conservava-se à parte, nos círculos isolados sem nenhuma razão de ser nesse momento: procuravam estudar o era este movimento e de que maneira o deveriam encarar; mas permaneciam inativos, satisfeitos por poderem justificar sua inércia pela idéia de que o movimento parecia não ser

puramente anarquista.

Contudo, o seu auxílio prestado à causa do movimento, sobretudo quando o bolchevismo não tinha ainda paralisado o seu desenvolvimento normal, poderia ter sido de um valor incalculável. A massa tinha uma necessidade infinita de militantes que soubessem formular e desenvolver as idéias que a animavam, que a ajudassem a criar em grande escala, a definir e elaborar as formas e a marcha futura do movimento. Os anarquistas não quiseram ou não souberam fazê-lo. Causaram assim um prejuízo imenso tanto ao movimento quanto a eles próprios. Ao movimento, porque não puseram ao seu serviço em tempo oportuno as suas forças de organização e de cultura, o que fez com que o movimento se desenvolvesse lentamente e dolorosamente, com o auxílio dos pobres recursos teóricos de que dispunham as próprias massas. E quanto a eles mesmos, os anarquistas perderam enormemente em ter ficado fora da atualidade viva, condenando-se pela sua inatividade à esterilidade. Somos obrigados a constatar que os anarquistas russos, adormecidos em seus círculos, deixaram passar à sua vista um movimento grandioso das massas, o único até esse dia que, na Revolução atual, parece dever realizar as aspirações históricas da humanidade oprimida.

Mas nós verificamos também que esse fato deplorável não se deu fortuitamente: foi causado por motivos determinados que importa apreciar com alguma atenção. Uma grande parte dos nossos teóricos pertencem pelas suas origens à *inteligência*. Esta circunstância é de uma grande importância. Agrupando-se sob a bandeira do anarquismo, são contudo muitos deles incapazes de romper definitivamente com o estado de alma, a psicologia do meio que saíram, ocupando-se mais do que o resto dos camaradas da teoria do anarquismo, vão se deixando gradualmente compenetrar da idéia de que desempenham um papel de guias do mundo anarquista e acabam por acreditar que o próprio movimento anarquista se realizará segundo as suas indicações ou, pelo menos, com o seu concurso imediato e dirigente. Ora o movimento começou muito longe deles, na província distante e nas camadas mais profundas da sociedade moderna. Apenas alguns entre os teóricos do anarquismo – isolados – foram bastante perspicazes e corajosos para reconhecer que esse movimento era bem aquele para que o anarquismo os havia preparado de longa data e para se apressar a entrar nele. Seria mesmo mais justo dizer que, de todos os anarquistas *intelectuais* e teoricamente instruídos, foi *Voline* o único que tomou parte no movimento, com toda a decisão, pondo ao seu serviço todas as suas aptidões, as suas forças e os seus conhecimentos. O resto dos trabalhadores teóricos do anarquismo permaneceu à parte do movimento makhnovista. Isso

nada prova naturalmente contra a makhnovstehina nem contra o anarquismo, mas apenas contra os anarquistas e aquelas organizações libertárias que no momento histórico em que o movimento social dos camponeses e dos operários se manifestara em todo o seu vigor foram demasiadamente tacanhos; demasiadamente passivos e demasiadamente desprevenidos para saber ou querer aproximar-se da sua própria causa, quando ela lhes apareceu revestida de carne e chamou a si todos aqueles a quem eram queridas a liberdade do trabalho e das idéias do anarquismo.

Um outro traço ainda mais importante da inatividade dos anarquistas é a confusão das idéias anarquistas e a desorganização das fileiras libertárias. Embora o ideal do anarquismo seja potente, positivo e incontestável, acusa ainda algumas lacunas, entra ainda muito pelos lugares comuns abstratos e vagos e as divagações por domínios que não têm nada a ver com o movimento social dos trabalhadores. É daí que provém a possibilidade de interpretar erradamente as aspirações do anarquismo e o seu programa prático.

Assim, muitos anarquistas gastam as suas forças a tratar de resolver se o problema do anarquismo é o da libertação das classes; da humanidade ou do indivíduo. A questão é vã – contudo, ela tem a sua base em algumas posições vagas do anarquismo e abre um caminho livre aos abusos no domínio da idéia anarquista, por meio da prática anarquista em seguida. A própria teoria anarquista da liberdade individual, que está longe de se encontrar suficientemente esclarecida, oferece um campo ainda mais vasto aos abusos. Lentamente os homens de ação, possuindo uma vontade firme e um instinto revolucionário desenvolvido, verão na idéia anarquista da liberdade individual antes de tudo a idéia do respeito anarquista pela *individualidade do outro*, a idéia da luta infatigável pela liberdade anarquista das massas. Mas os que não têm a paixão da Revolução, que pensam em primeiro lugar nas manifestações do seu próprio “eu”, compreendem esta idéia à sua maneira. De cada vez que se trata de organização prática, de grave responsabilidade, refugiam-se na idéia anarquista da liberdade individual e fundando-se nela procuram subtrair-se a toda responsabilidade e impedir toda organização. Cada um deles retira-se para a sua tenda, imagina a sua obra própria e prega seu próprio anarquismo. As idéias e as ações dos anarquistas são assim pulverizadas de uma maneira insensata.

Como resultado de um tal estado de coisas, constatamos um grande número de diferentes sistemas práticos preconizados pelos anarquistas russos. De 1904 a 1907, vimos os programas práticos dos *Beznatchaltzy* (Sem autoridade) e dos *Tchernoznamenty* (Bandeira Negra) que pregavam as

expropriações parciais (a posse individual) e o terror “sem motivos” como **métodos de luta anarquista**. Facilmente se vê que estes programas não eram senão a expressão das inclinações fortuitas de pessoas que se encontravam nas fileiras anarquistas apenas por acaso e que tais programas não podiam ter aparecido e ser apresentados nos meios libertários senão em virtude do fraco desenvolvimento da responsabilidade para com o povo e a sua Revolução. Ultimamente temos visto aparecer uma grande quantidade de teorias, algumas das quais sofrem de uma simpatia para com a autoridade estatista e a direção autoritária das massas, enquanto outras rejeitam todo o princípio de organização e proclamam a liberdade absoluta do indivíduo, enquanto outras ainda se ocupam dos objetivos “gerais” do anarquismo, procurando na realidade subtraí-lo às obrigações árduas do momento histórico.

Há dezenas de anos que os anarquistas russos são atacados por esta terrível doença: desorganização. Este mal destruiu neles a necessidade e o vigor de um pensamento concreto e condenou-os à inatividade no momento histórico da Revolução. A desorganização é a irmã gêmea da irresponsabilidade e, juntas, conduzem ao empobrecimento da idéia e à nulidade em matéria prática. Eis porque quando do movimento das massas, personificado na makhnovstchina, brotou das camadas profundas do povo, os anarquistas se manifestaram tão fracos, irresolutos e pouco preparados.

A nossa opinião é que se trata apenas de um fenômeno passageiro, explicável pela falta de cristalização e de organização no meio dos anarquistas russos. A organização deverá vir e virá, ligando entre si todos os que tomam verdadeiramente a peito os interesses do anarquismo, que são realmente dedicados às classes laboriosas. Os elementos fortuitos e desorganizados do meio anarquista serão assim eliminados.

O anarquismo não significa misticismo, nem vãs palavras sobre o Belo, nem um grito de desespero. A sua grandeza é feita, antes de tudo, pela sua dedicação à causa da humanidade oprimida. Traz em si a aspiração das massas para a verdade, o seu heroísmo e a sua vontade concentrada; representa neste momento a única doutrina social sobre a qual as massas podem se apoiar com confiança para conduzir a sua luta. Mas, para justificar esta confiança, não basta que o anarquismo seja uma grande idéia e os anarquistas, os seus representantes platônicos. É necessário que os anarquistas tomem constantemente parte no movimento revolucionário das massas e como cooperadores. Só então este movimento respirará plenamente a atmosfera verdadeira do ideal anarquista. Nada se obtém gratuitamente. Todas as causas exigem esforços perseverantes e sacrifícios. O anarquismo deve encontrar uma

unidade de vontade e uma unidade de ação e alcançar uma noção exata do seu papel histórico. O anarquismo deve penetrar no coração das massas, fundir-se com elas.

Embora a makhnovstchina se tenha manifestado e desenvolvido independentemente das organizações anarquistas e da sua influência imediata, a sua sorte e a do anarquismo encontraram-se intimamente ligadas durante a Revolução Russa. A própria essência da makhnovstchina resplandecia com os reflexos do anarquismo e sugeria involuntariamente a idéia deste. O anarquismo era, entre todas as doutrinas sociais, a única para que a massas dos insurgidos revolucionários era atraída com simpatia. Muitos deles intitulavam-se anarquistas, sem renunciar a este título, mesmo em face da morte. E ao mesmo tempo o anarquismo deu à makhnovstchina alguns militantes admiráveis que, cheios de ardor e dedicação, empregaram todas as suas forças e os seus conhecimentos ao serviço desse movimento. Embora pouco numerosa que fosse a lista desses militantes, foram da maior utilidade ao movimento e ligaram o anarquismo à sorte trágica da makhnovstchina.

Este entrecruzamento dos destinos do anarquismo e da makhnovstchina começou pelos meados de 1919. Foi consagrado na Ucrânia no verão de 1920, pelo ataque simultâneo dos bolcheviques contra os makhnovistas e os anarquistas e sublinhado de uma maneira brilhante em outubro de 1920, no momento do acordo militar e político entre as autoridades soviéticas e os makhnovistas, quando estes últimos exigiram, como condição absoluta deste acordo, que todos os anarquistas fossem libertados das cadeias da Ucrânia e da Rússia Central e que lhes fosse concedida completa liberdade de professar e proclamar suas idéias e as suas teorias.

Indiquemos por ordem cronológica a participação dos anarquistas no movimento makhnovista. Logo nos primeiros dias da Revolução de 1917, um grupo de anarquistas-comunistas se formou em Goulai-Polé e fez um trabalho revolucionário muito importante na região. É desse grupo que saíram numerosos atores e guias notáveis da makhnovstchina: N. Makhno, S. Karetnik, Martchenko, Kalachnikov, Luty, Gregório Makhno, etc. Este grupo anda intimamente ligado aos princípios do movimento makhnovista.

Pelo fim de 1918 e princípio 1919, outros grupos anarquistas se formaram na região da makhnovstchina e procuraram pôr-se em relações com ela. Contudo, alguns desses grupos, como por exemplo em Berdiansk, não estavam à altura da situação e só podiam ser nocivos ao movimento. Por felicidade este era de tal maneira são que passou além...

Nos primeiros meses de 1919, Goulai-Polé albergava já não apenas

camponeses da localidade, anarquistas tão notáveis como o eram Makhno, Karetnik, Martchenko, Vassilevsky e outros, mas outros ainda vindos de cidades distantes e representando certas organizações anarquistas: Burbyga, Mikhálev, Pavlenko, etc. Trabalhavam exclusivamente no meio das tropas insurrecionais, na frente ou na retaguarda.

Na primavera de 1919, alguns camaradas vieram a Goulai-Polé para se consagrarem principalmente à organização da cultura e da instrução na região: criaram o jornal *Putek Svobodé* (*O Caminho para a Liberdade*), que foi o órgão fundamental dos makhnovistas e fundaram a Associação dos Anarquistas da Goulai-Polé que se pôs a trabalhar tanto no exército como entre os camponeses.

Ao mesmo tempo, um grupo anarquista ligado à Confederação do *Nabat* (*O Rebate*) foi fundado em Goulai-Polé. Trabalhou em contato estreito com os makhnovistas, sobretudo no domínio da cultura e publicou o jornal local: *Nabat*. Pouco tempo depois esta organização fundiu-se com a Associação dos Anarquistas de Goulai-Polé numa só.

No mês de maio 36 operários anarquistas vieram de Ivano-Voznessensk a Goulai-Polé; no número dos que vieram encontravam-se anarquistas muito conhecidos no movimento: Tcherniakov e Makeév. Uma parte dos recém chegados instalou-se na comuna anarquista situada a 7 quilômetros de Goulai-Polé; outros dedicaram-se ao trabalho cultural na região; outros ainda instalaram-se no Exército Insurrecional.

Foi também no mês de maio de 1919 que a Confederação das organizações anarquistas da Ucrânia *Nabat*, que era a mais ativa de todas as organizações anarquistas da Rússia, acabou por se aperceber de que o pulso principal da vida revolucionária das massas batia na região insurrecional libertada. Decidiu fazer convergir para aí as suas forças. No princípio de junho de 1919 enviou a Goulai-Polé: Voline, Matchny, José, o Emigrado e vários outros militantes. Havia a intenção de levar a Goulai-Polé as instruções principais da Conferência logo que acabassem as sessões do congresso extraordinário dos operários e dos camponeses convocado para o dia 15 de junho pelo Conselho Revolucionário Militar. Mas o ataque feito simultaneamente na região insurgida por Denikin e os bolcheviques não permitiu por estes projetos em execução. Matchny foi o único que pode chegar nesse momento a Goulai-Polé, mas viu-se obrigado, em virtude da retirada geral, a voltar para o lugar da onde tinha vindo, um ou dois dias depois da sua chegada, e não voltou mais. Quanto a Voline e os seus companheiros, não puderam então deixar Ekaterionoslav e só no mês de agosto de 1919 é que conseguiram

juntar-se perto de Odessa ao exército makhnovista em plena retirada.

Os anarquistas entraram, pois, no movimento com um atraso imenso, quando o seu desenvolvimento normal já havia sido interrompido e já tinha sido violentamente projetado para fora das bases do trabalho de edificação social e, sob pressão das circunstâncias, tinha entrado principalmente no caminho da ação militar.

Durante o período que vai do fim de 1918 até o mês de junho de 1919, as condições para um trabalho positivo na região tinham sido das mais favoráveis: a frente estava afastada uma 200 ou 300 quilômetros, perto de Taganrog, e a população da região, avaliada em muitos milhões de pessoas e disseminada através de oito ou dez distritos, encontrava-se entregue a si mesma.

A partir do verão de 1919, os anarquistas só podiam trabalhar em um ambiente de operações militares, sob um fogo contínuo de todos os lados, obrigados a mudar de lugar todos os dias. Os anarquistas que tinham se juntado ao exército faziam tudo o que podiam nestas circunstâncias de guerra. Uns como Makeév e Kogan tomaram parte na ação militar; a maior parte ocupava-se do trabalho cultural entre os insurgidos e nas aldeias que os makhnovistas atravessavam. Mas não era um trabalho criador entre as massas no sentido verdadeiro e amplo da palavra. O ambiente de combate tinha-o reduzido principalmente a uma propaganda volante. Era impossível pensar em uma obra de criação, obra positiva. Em casos muito raros apenas como, por exemplo, depois da tomada de Alexandrovsk, Berdiansk, Melitopola e outras cidades, os anarquistas e os makhnovistas tiveram a possibilidade – por um tempo muito curto contudo – de esboçar as bases de um trabalho mais profundo e mais vasto. Mas logo qualquer vaga militar vinha, avançando de um lado e de outro e levando tudo, até os próprios vestígios do que tinha sido feito; de novo se tinha de restringir a uma propaganda sumária entre os insurgidos e os camponeses. Todo o ambiente do momento era verdadeiramente hostil a um trabalho criador entre as massas.

Certas pessoas que não tinham tomado parte no movimento ou que o tinham feito só durante um tempo restrito tiraram dos acontecimentos deste período a conclusão errônea de que a makhnovstchina estava demasiadamente impregnada do espírito militar, que ela se interessava muito pelo lado militar e pouco pelo trabalho construtivo de educação das massas. Na realidade, o período militar na história da makhnovstchina não é o produto desta, mas das condições que a rodearam desde o ano de 1919.

Os bolcheviques estatistas empenharam-se em diminuir a significação do movimento makhnovista e a situação do anarquismo na Rússia. Eles sabem

perfeitamente que o anarquismo na Rússia, privado do contato com um movimento das massas de uma importância tal como a makhnovstchina, não tem atualmente nenhuma base e só poderia ser um fenômeno inofensivo sem nenhum perigo para eles. E *vice-versa*: o anarquismo, em sua opinião, é a única concepção sobre a qual a makhnovstchina podia apoiar-se na sua luta implacável contra o bolchevismo. É por isso que eles não pouparam nenhum esforço para separar um da outra.

Tem de se lhes fazer esta justiça: que eles prosseguiram no seu objetivo com perseverança: eles colocaram a makhnovstchina fora de toda a lei humana. E como verdadeiros homens práticos que são, atuam na Rússia e principalmente no estrangeiro como se este fato fosse muito natural, devesse ser logo compreendido por todos, como se não pudesse sugerir nenhuma dúvida e que apenas os que são verdadeiramente cegos ou não conhecem a Rússia é que poderiam hesitar em considerar justas e razoáveis as medidas adotadas por eles.

Quanto à idéia anarquista, os bolcheviques evitaram declará-la oficialmente fora da lei; mas qualificam todo o ato revolucionário dos anarquistas, todo o ato de honestidade veemente, de makhnovstchina; e sobre isto, com o mesmo ar inocente, como se não pudesse ser de outra maneira, metem-nos na cadeia, fuzilam-nos ou cortam-lhes a cabeça. Afinal, a makhnovstchina e o anarquismo se não se curvam perante os bolcheviques são tratados de maneira idêntica.

(Em *Historia do Movimento Makhnovista* pág.257)

NOSSA ORGANIZAÇÃO

NESTOR MAKHNO

A atual situação enfrentada pelo proletariado mundial exige uma tensão máxima do pensamento e da energia dos anarquistas revolucionários, para esclarecer as questões mais importantes.

Nossos camaradas, que desempenharam um papel ativo na revolução russa e continuam fiéis às suas convicções, sabem de que maneira funesta se fez sentir, em nosso movimento, a ausência de uma sólida organização. Esses camaradas estão bem situados para ser particularmente úteis na tarefa de unificação atualmente empreendida. Sūponho que não lhes passou despercebido que o anarquismo foi um fator de insurreição nas massas trabalhadoras revolucionárias, na Rússia e na Ucrânia, incitando-as à luta por toda parte. *

Contudo, a ausência de uma grande organização específica, que contraponha suas forças vivas aos inimigos da revolução, tornou os anarquistas incapazes de assumir uma função organizativa. A tarefa libertária na revolução sofreu as pesadas consequências dessa incapacidade. Conscientes dessa limitação, os anarquistas russos e ucranianos não devem permitir que tal fato se repita. A lição do passado é demasiado penosa e, por não a terem esquecido, eles devem ser os primeiros a dar o exemplo de coesão de suas forças.

Como? Criando uma organização que possa cumprir as tarefas do anarquismo, não somente no momento de preparar a revolução social, mas igualmente depois. Uma tal organização deve unir todas as forças revolucionárias do anarquismo, e se ocupar imediatamente da preparação das massas para a revolução social e para a luta pela realização da sociedade anarquista.

Se bem que a maioria dos anarquistas reconhece a necessidade de uma tal organização, é lamentável constatar que são poucos os que se preocupam com a seriedade e a constância indispensáveis.

Neste momento, os acontecimentos se precipitam em toda Europa, inclusive na Rússia, prisioneira dos bolcheviques. Está próximo o dia em que será necessário participarmos ativamente dos acontecimentos. Se nos apresentarmos outra vez sem estarmos organizados, previamente e de maneira

adequada, seremos novamente incapazes de impedir que os acontecimentos evoluam no turbilhão dos sistemas estatais.

O anarquismo se insere e vive concretamente por toda a parte onde há vida humana. Em contrapartida, ele não se torna compreensível para todos, a não ser onde e quando existem os propagandistas e os militantes que romperam sincera e inteiramente com a psicologia de submissão desta época, eis por que são ferozmente perseguidos. Esses militantes agem de acordo com suas convicções, desinteressadamente, sem medo de descobrir, em seu processo de desenvolvimento, aspectos desconhecidos, para assimilar, ao fim e ao cabo, o que se fizer necessário para a vitória contra o espírito de submissão. Duas teses decorrem do que acima foi dito:

- a primeira, é que o anarquismo conhece expressões e manifestações diversas, mas conserva uma perfeita integridade em sua essência.
- a segunda, é que o anarquismo é naturalmente revolucionário e, na luta contra seus inimigos, só pode adotar métodos revolucionários.

No decorrer de seu combate revolucionário, o anarquismo não somente derruba os governos e suprime suas leis, mas se ocupa também da sociedade em que nasceu, de seus valores, seus costumes e sua "moral", o que lhe vale ser cada vez mais compreendido e assimilado pela maioria oprimida da humanidade.

Tudo isso nos convence de que o anarquismo não pode continuar aprisionado nos limites de um pensamento marginal e reivindicado unicamente por uns poucos grupelhos, em suas ações isoladas. Sua influência natural sobre a mentalidade dos grupos humanos em luta é mais do que evidente. Para que esta influência seja assimilada de modo consciente, ele deve doravante se munir de novos meios e iniciar desde já o caminho das práticas sociais.

Dielo Trouda n.º 4, setembro de 1925.

SOBRE A DISCIPLINA REVOLUCIONÁRIA

NESTOR MAKHNO

Alguns camaradas me fizeram a seguinte pergunta: como é que eu entendo a disciplina revolucionária? Vou lhes responder.

Compreendo a disciplina revolucionária como uma autodisciplina do indivíduo, estabelecida num coletivo atuante, de modo igual para todos, e rigorosamente elaborada.

Ela deve ser a linha de conduta responsável dos membros desse coletivo, induzindo a um acordo estrito entre sua prática e sua teoria.

Sem disciplina na organização, é impossível empreender qualquer ação revolucionária séria. Sem disciplina, a vanguarda revolucionária não pode existir, porque então ela se encontrará em completa desunião prática e será incapaz de formular as tarefas do momento, de cumprir o papel de iniciador que dela esperam as massas.

Faço repousar esta questão sobre a observação e a experiência de uma prática revolucionária conseqüente. De minha parte, baseio-me sobre a experiência da Revolução Russa, que tinha um conteúdo tipicamente libertário sob muitos aspectos.

Se os anarquistas estivessem firmemente ligados no plano organizativo e tivessem observado, em suas ações, uma disciplina bem determinada, não teriam jamais sofrido uma tal derrota. Mas, porque os anarquistas "de todo estilo e de todas as tendências" não representavam, mesmo em seus grupos específicos, um coletivo homogêneo, com uma disciplina de ação bem definida, não puderam suportar o exame político e estratégico que lhes impuseram as circunstâncias revolucionárias.

A desorganização conduziu os anarquistas à impotência política, dividindo-os em duas categorias:

- a primeira foi a dos que se dedicaram à sistemática ocupação das residências burguesas, nas quais se alojaram e viveram para o seu bem-estar. Eram os que

exº 13839720

BH/UFC

eu chamo de turistas, os diversos anarquistas que vão de cidade em cidade, na esperança de encontrar um lugar onde permanecer algum tempo, espreguiçando-se e desfrutando o máximo possível de conforto e prazer. - a segunda se compunha dos que romperam todos os laços honestos com o anarquismo (ainda que alguns deles, na URSS, façam-se passar agora pelos únicos representantes do anarquismo revolucionário) e se lançaram sobre os cargos oferecidos pelos bolcheviques, no momento mesmo em que o poder fuzilava os anarquistas que permaneciam fiéis ao seu posto de revolucionários e denunciaram a traição dos bolcheviques.

Diante desses fatos, compreende-se facilmente porque eu não posso continuar indiferente ao estado de despreocupação e negligência que existem atualmente em nossos meios.

De uma parte, isso impede a criação de um coletivo libertário coerente, que permitirá aos anarquistas ocuparem o lugar que lhes cabe na revolução. De outra parte, isso permite contentar-se com belas frases e grandes pensamentos, omitindo-se no momento de agir.

Eis porque eu falo de uma organização libertária apoiada sobre o princípio duma disciplina fraternal. Uma tal organização conduzirá ao acordo indispensável de todas as forças vivas do anarquismo revolucionário e o ajudará a ocupar seu lugar na luta do Trabalho contra o Capital.

Por esse meio, as idéias libertárias certamente ganharão as massas e não se empobrecerão. Somente os fanfarrões consumados e irresponsáveis fugirão diante de uma tal estrutura organizacional.

A responsabilidade e a disciplina organizacionais não devem horrorizar: elas são companheiras de viagem da prática do anarquismo social.

Dielo Trouda, nº s 7-8, dezembro de 1925 – janeiro de 1926.

PLATAFORMA DE ORGANIZAÇÃO

APRESENTAÇÃO

É muito significativo o fato de que, apesar da força e o caráter incontestavelmente positivo das idéias libertárias, e apesar da franqueza e integridade das posições anarquistas perante a revolução social, e finalmente o heroísmo e inúmeros sacrifícios suportados pelos anarquistas na luta pelo comunismo libertário, o movimento anarquista permanece fraco a despeito de tudo, e tem aparecido, frequentemente, na história das lutas da classe trabalhadora como um pequeno acontecimento, um episódio, e não um fator importante.

Esta contradição entre a positiva e incontestável substância das idéias libertárias, e a situação miserável na qual o movimento libertário vegeta, tem sua explicação em um número de causas, das quais a mais importante, a principal é a falta de princípios e práticas organizacionais no movimento anarquista.

Em todos os países, o movimento anarquista é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.

Considerando-o como um todo, tal estado de anarquismo revolucionário só pode ser descrito como "desorganização geral crônica".

Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos.

No entanto, sem sombra de dúvidas, esta desorganização se origina de alguns defeitos de teoria: notavelmente de uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo: sendo esta teoria frequentemente confundida com a total falta de responsabilidade. Os amantes da asserção 'eu', com o interesse voltado unicamente para o prazer particular, agarram-se obstinadamente ao estado caótico do movimento anarquista e citam em sua

defesa os princípios imutáveis do anarquismo e seus professores.

Mas os princípios imutáveis e os professores têm mostrado exatamente o contrário.

Dispersão e quebra de unidade são arruinantes: uma união bem suturada é um sinal de vida e desenvolvimento. Esta negligência de luta social aplica-se tanto às classes quanto às organizações.

Anarquismo não é uma utopia bonita, nem uma idéia filosófica abstrata, é um movimento social das massas trabalhadoras. Por esta razão, deve unir forças em uma organização, agitando constantemente, como é exigido pela realidade e estratégia de luta de classes.

“Nós estamos convictos” afirma Kropotkin, “de que a formação de uma organização anarquista na Rússia, longe de ser prejudicial à tarefa revolucionária comum, é, pelo contrário, desejável e útil no mais alto grau.” (Prefácio para *The Paris Comune* (“A Comuna Parisiense”) de Bakunin, edição de 1892.)

Bakunin nunca se opôs ao conceito de uma organização anarquista geral. Pelo contrário, suas aspirações a respeito de organizações, assim como sua participação na primeira Internacional nos oferece razões para vê-lo justamente como um guerrilheiro ativo de uma organização como tal.

Em geral, praticamente todos os militantes anarquistas ativos lutaram contra qualquer tipo de atividade dispersiva, e desejaram um movimento anarquista soldado pela unidade em meios e fins.

Foi durante a Revolução Russa de 1917 que se sentiu mais profundamente e urgentemente a necessidade de uma organização geral. Foi durante esta revolução que o movimento libertário mostrou o maior grau de fragmentação e confusão. A falta de uma organização geral levou muitos militantes anarquistas ativos a tomar parte de postos dos bolchevistas. Esta falha é também a causa de muitos outros militantes atuais permanecerem passivos, impedindo qualquer uso de suas forças, o que é freqüentemente bem considerável.

Nós temos grande necessidade de uma organização que, tendo reunido a maioria dos participantes do movimento anarquista, estabeleça no anarquismo uma linha política geral e tática a qual deve servir como um guia para o movimento inteiro.

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, pôr um fim às infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.

No entanto, não é o bastante reconhecer a necessidade vital de tal organização: é também necessário estabelecer o método para sua criação.

Nós rejeitamos como teoricamente e praticamente inapta a idéia de criar uma organização baseada na receita da ‘síntese’, que está reunindo os representantes de diferentes tendências anarquistas. Tal organização, tendo incorporado elementos teóricos e práticos heterogêneos, seria apenas uma reunião mecânica de indivíduos, cada qual possuindo um conceito diferente das questões do movimento anarquista, uma reunião que eventualmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade.

O método anarco-sindicalista não resolve o problema da organização anarquista, pois ele não dá prioridade a este problema, interessando-se somente pela penetração e aumento de forças no proletariado industrial.

Entretanto, muito coisa não pode ser realizada nesta área, até mesmo em adquirindo igualdade, a menos que haja uma organização anarquista geral.

O único método que leva à solução do problema de organização geral é, do nosso ponto de vista, reorganizar militantes anarquistas ativos baseando-se em posições precisas: teórica, tática e organizacional, a base mais ou menos perfeita de um programa homogêneo.

A elaboração de tal programa é uma das principais tarefas imposta aos anarquistas pela luta social dos últimos anos. É nesta tarefa que o grupo de anarquistas russos em exílio dedica uma parte importante de seus esforços.

A Plataforma Organizacional publicada abaixo representa os esboços, o esqueleto de tal programa. Deve servir como o primeiro passo em direção a um reagrupamento de forças libertárias em um único coletivo revolucionário ativo capaz de lutar, a União Geral dos Anarquistas.

Não temos dúvidas de que há falhas na presente plataforma. Tem falhas, assim como todos os passos novos e básicos que tenham qualquer importância. É possível que algumas posições importantes tenham sido deixadas de fora, ou que outras tenham sido tratadas de forma inadequada, ou ainda que outras tenham sido muito detalhadas ou repetitivas. Tudo isso é possível, mas não de relevância vital. O que é importante é fixar as fundações de uma organização geral, e é este propósito que é atingido, em certo grau de necessidade, pela plataforma presente.

Depende do coletivo como um todo, a União Geral dos Anarquistas, em ampliá-la, para depois dá-la profundidade, transformá-la em uma plataforma definitiva para todo o movimento anarquista.

Em outro aspecto também temos dúvidas. Nós prevemos que vários

representantes de um estilo próprio individualista de anarquismo caótico irão nos atacar, espumando pela boca, e nos acusar de quebrar princípios anarquistas. Contudo, sabemos que os elementos individualistas e caóticos entendem pelo título 'princípios anarquistas' indiferença política, negligência e total falta de responsabilidade, o que tem causado em nosso movimento separações quase incuráveis, e contra as quais estamos lutando com toda nossa energia e paixão. Esta é a razão pela qual podemos calmamente ignorar os ataques provindos deste campo.

Baseamos nossa esperança em outros militantes: naqueles que permanecem fiéis ao anarquismo, tendo experimentado e sofrido a tragédia do movimento anarquista, e estão dolorosamente procurando por uma solução.

Mais ainda, colocamos grandes esperanças nos jovens anarquistas que, nascidos na respiração da Revolução Russa, e posicionados desde o início no meio de problemas construtivos, irão certamente exigir a realização de princípios positivos e organizacionais no anarquismo.

Convidamos todas as organizações anarquistas russas espalhadas em vários países do mundo, e também militantes isolados, a unir-se baseados em uma plataforma organizacional comum.

Deixem esta plataforma servir como a espinha dorsal revolucionária, o ponto de unificação de todos os militantes do movimento anarquista russo! Deixem-na formar as fundações para o Sindicato (União) Geral dos Anarquistas! Vida longa para a Revolução Social dos Trabalhadores do Mundo!

GRUPO DIELO TROUDA, Paris, 20.6.1926.

Seção Geral

1. Luta de Classe, seu papel e significado

Não há uma humanidade

Há uma humanidade de classes

Escravos e Senhores

Assim como todas que a precederam, a sociedade capitalista burguesa dos nossos tempos não é "uma humanidade". É dividida em dois campos bem distintos, diferenciados socialmente por suas situações e funções, o proletariado (no sentido mais amplo da palavra), e a burguesia.

A sina do proletariado é, e tem sido há séculos, carregar o fardo de um trabalho físico e doloroso do qual provêm seus frutos, não para eles, no entanto, mas sim para outra classe privilegiada que possui propriedade, autoridade e os produtos culturais (ciência, educação, arte): a burguesia. A escravidão e exploração social das massas trabalhadoras formam a base na qual se ergue a sociedade moderna, sem a qual esta sociedade não poderia existir.

Isto gerou uma luta de classe, por vezes, assumindo um caráter aberto e violento, e, por outras, um semblante de progresso vagaroso e inatingível, que reflète carências, necessidades e o conceito de justiça dos trabalhadores.

No domínio social, toda história humana representa uma corrente ininterrupta de lutas realizadas pelas massas trabalhadoras pelos seus direitos, liberdade e uma vida melhor. Na história da sociedade humana esta luta de classe tem sido sempre o fator primário que determinou a forma e estrutura destas sociedades.

O regime social e político de todos os estados está acima de todo e qualquer produto da luta de classe. A estrutura fundamental de qualquer sociedade nos mostra o estágio no qual a luta de classe tem gravitado e deve ser encontrada. A mínima mudança no curso das batalhas de classes, nas posições relativas nas quais se encontram as forças da luta de classe, produz modificações contínuas no tecido e na estrutura da sociedade.

Tal é o geral e universal âmbito e significado da luta de classes na vida das sociedades de classes.

2. A necessidade de uma revolução social violenta

O princípio de escravidão e exploração das massas pela violência constitui a base da sociedade moderna. Todas as manifestações de sua existência: a economia, política, relações sociais, apoiam-se na violência de classe, cujos órgãos servidores são: a autoridade, a polícia, o exército, o judiciário. Tudo nesta sociedade: cada empresa considerada separadamente, assim como todo o sistema de Estado, não é nada mais do que o baluarte do capitalismo, de onde eles mantêm vigília constante nos trabalhadores, de onde eles sempre têm preparadas as forças intencionadas a reprimir quaisquer movimentos feitos pelos trabalhadores que ameaçam a fundação ou até mesmo a tranquilidade daquela sociedade.

Ao mesmo tempo, o sistema desta sociedade, deliberadamente, mantém as massas trabalhadoras em um estado de ignorância e estagnação mental; ele previne através da força o aumento do seu nível moral e intelectual, a fim de obter mais facilmente o melhor aproveitamento delas.

O progresso da sociedade moderna: a evolução tecnológica do capital e a perfeição do seu sistema político, fortifica o poder das classes dominantes, e torna mais difícil a luta contra elas, desta maneira adiando o momento decisivo da emancipação dos trabalhadores.

Análises da sociedade moderna nos levam à conclusão de que a única forma de transformar a sociedade capitalista em uma sociedade de trabalhadores livres é pelo caminho de uma revolução social violenta.

3. Anarquistas e comunismo libertário

A luta de classe criada pela escravidão de trabalhadores e suas aspirações à liberdade geraram, na opressão, a idéia do anarquismo: a idéia da negação total a um sistema social baseado nos princípios de classes e um Estado, e sua substituição por uma sociedade livre não-estatal de trabalhadores sob gestão própria.

Portanto, o anarquismo não se origina de reflexões abstratas nem de um intelectual ou filósofo, mas sim da luta direta de trabalhadores contra o capitalismo, das carências e necessidades dos trabalhadores, das suas aspirações à liberdade e igualdade, aspirações que se tornam particularmente vivas no melhor período heróico da vida e luta das massas trabalhadoras.

Os notáveis pensadores anarquistas, Bakunin, Kropotkin e outros, não inventaram a idéia de anarquismo, mas, tendo encontrado este nas massas, simplesmente ajudaram, com a força de seu pensamento e conhecimento, a especificá-lo e propagá-lo.

O anarquismo não é o resultado de esforços particulares, nem o objeto de pesquisas individuais.

De igual modo, o anarquismo não é o produto de aspirações humanitárias. Não existe uma humanidade única. Qualquer tentativa de fazer do anarquismo um atributo de toda humanidade atual, de atribuir a ele um caráter humanitário geral seria uma mentira social e histórica, que levaria, inevitavelmente, à justificação do status quo e à uma nova exploração.

O anarquismo é em geral humanitário somente no sentido de que as idéias das massas tendem a melhorar as vidas de todos os homens, e que o destino da humanidade de hoje e de amanhã é inseparável da exploração dos trabalhadores. Se as massas trabalhadoras forem vitoriosas, toda humanidade renascerá; caso contrário, violência, exploração, escravidão e opressão reinarão no mundo como antes.

O nascimento, o florescimento, e a realização de idéias anarquistas têm suas raízes na vida e na luta das massas trabalhadoras e estão inseparavelmente

ligadas ao seu destino.

O anarquismo quer transformar a atual sociedade capitalista burguesa em uma sociedade que assegure ao trabalhador os produtos de seus esforços, sua liberdade, independência, e igualdade política e social. Esta outra sociedade será o comunismo libertário, no qual a solidariedade social e a individualidade livre acharão sua expressão plena, e no qual estas duas idéias se desenvolverão em perfeita harmonia.

O comunismo libertário acredita que o único criador de valor social é o trabalho, físico ou intelectual, e, conseqüentemente, somente o trabalho tem o direito de governar a vida econômica e social. Por causa disto, ele nem defende nem permite, em qualquer proporção, a existência de classes não-trabalhadoras.

Na medida em que estas classes existem simultaneamente com o comunismo libertário, o último não reconhecerá obrigações em relação a estas. Isto terá fim quando as classes não-trabalhadoras decidirem se tornar produtivas e quererem viver em uma sociedade comunista sob condições iguais para todos, as quais são a de membros sociais livres, gozando dos mesmos direitos e deveres assim como todos os outros membros produtivos.

O comunismo libertário quer pôr um fim a toda exploração e violência, sendo elas contra indivíduos ou as massas de pessoas. Para este fim, ele instituirá uma base econômica e social que unirá todas as seções da comunidade, garantindo a cada indivíduo uma posição de igualdade entre o resto, e concedendo a cada um o máximo de bem-estar. A base é a propriedade comum de todos os meios e instrumentos de produção (indústria, transporte, terra, matéria prima, etc.) e a construção de organizações econômicas dentro dos princípios de igualdade e gestão própria das classes trabalhadoras.

Dentro dos limites dessa sociedade auto-gerenciada de trabalhadores, o comunismo libertário estabelece o princípio de igualdade de valor e direitos de cada indivíduo (não individualidade "em geral", nem de "individualidade mística", nem o conceito de individualidade, mas sim cada indivíduo real e vivo).

4. A democracia burguesa é uma das formas da sociedade capitalista

A base da democracia está na manutenção de duas classes antagônicas da sociedade moderna: a classe trabalhadora e a classe capitalista e sua colaboração na base da propriedade privada capitalista. A expressão desta colaboração é o parlamento e a representação governamental nacional.

Formalmente, a democracia proclama liberdade de fala, da imprensa.

de associação, e a igualdade de todos perante a lei.

Na realidade, todas estas liberdades são de um caráter muito relativo: elas são toleradas somente enquanto elas não contestam os interesses da classe dominante isto é, a burguesia. A democracia preserva intacto o princípio da propriedade privada capitalista. Desta maneira, ela (a democracia) fornece à burguesia o direito de controlar completamente a economia do país, toda a imprensa, educação, ciência, arte - que de fato torna a burguesia senhora absoluta do país inteiro. Tendo um monopólio na esfera da vida econômica a burguesia também pode estabelecer seu poder ilimitado na esfera política. Em efeito o parlamento e o governo representativo nas democracias não passam de órgãos executivos da burguesia.

Consequentemente, a democracia é apenas um dos aspectos da ditadura burguesa, encoberta por fórmulas enganadoras de liberdades e garantias democráticas fictícias.

5. A negação do Estado e Autoridade

As ideologias da burguesia definem o Estado como o órgão que regulariza as complexas relações políticas, civis e sociais entre os homens na sociedade moderna, e protege a ordem e leis destes. Os anarquistas estão em perfeito acordo com esta definição, mas eles a completam afirmando que a base desta ordem e destas leis é a escravidão da grande maioria das pessoas pela minoria insignificante, e que é precisamente este propósito que é servido pelo Estado.

O Estado é simultaneamente a violência organizada da burguesia contra os trabalhadores e o sistema de seus órgãos executivos.

Os socialistas de esquerda, e em particular os bolchevistas também consideram o Estado e a Autoridade burgueses como empregados do capital. Mas eles mantêm que esta Autoridade e o Estado podem tornar-se, nas mãos de partidos socialistas, uma arma poderosa na luta pela emancipação do proletariado. Por esta razão, estes partidos são a favor de uma Autoridade socialista e um Estado proletário. Alguns querem conquistar poder através de meios parlamentares pacíficos (o social democrático), outros por meios revolucionários (os bolchevistas, os 'sócio-revolucionários' de esquerda).

O anarquismo considera estes dois fundamentalmente errados, desastrosos no trabalho pela emancipação dos trabalhadores.

A Autoridade sempre depende da exploração e escravidão da massa de pessoas. Ela nasce desta exploração, ou é criada dentro dos interesses desta exploração. A Autoridade sem violência e sem exploração perde toda razão de ser (*raison d'être*).

O Estado e a Autoridade tiram toda iniciativa das massas, matam o espírito de criação e atividade livre, cultivam nelas a psicologia servil de submissão, de expectativa, de esperança de escalar a escada social, de confiança cega em seus líderes, de ilusão de compartilhamento em autoridade.

Desta maneira, a emancipação do trabalho só é possível na luta revolucionária direta das vastas massas trabalhadoras e de suas organizações de classe contra o sistema capitalista.

A conquista do poder pelos partidos sócio-democráticos através de meios pacíficos, sob as condições da ordem em vigor atualmente, não irá colaborar no progresso da tarefa de emancipação dos trabalhadores, pela simples razão de que o poder verdadeiro, consequentemente a autoridade verdadeira, permanecerá com a burguesia, a qual controla a economia e a política do país. O papel da autoridade socialista, neste caso, fica reduzido ao campo das reformas: o aprimoramento deste mesmo regime. (Exemplos: Ramsay MacDonald, os partidos democráticos da Alemanha, da Suécia, da Bélgica, os quais adquiriram poder numa sociedade capitalista.)

Mais ainda, tomar o poder através de uma revolução social e organizar um assim chamado "Estado proletário" não pode servir à causa autêntica de emancipação dos trabalhadores. O Estado, imediatamente e supostamente construído pela defesa da revolução, invariavelmente termina deturpado pelas necessidades e características peculiares a si mesmo, tornando-se ele mesmo a meta, produz castas específicas e privilegiadas, e, consequentemente, restabelece a base da Autoridade e do Estado capitalistas; a habitual escravidão e exploração das massas através da violência. (Exemplo: "o Estado operário-camponês" dos bolchevistas.)

6. O papel das massas e o papel dos anarquistas na luta social e na revolução social

As principais forças da revolução social são a classe trabalhadora urbana, as massas de camponeses e uma parte dos 'pensadores trabalhadores'.

Observação: apesar de ser uma classe explorada e oprimida assim como os proletariados urbanos e rurais, os pensadores trabalhadores são relativamente desunidos se comparados com os trabalhadores e os camponeses, graças aos privilégios econômicos concedidos pela burguesia a alguns de seus membros. É por isso que, durante os primeiros dias da revolução social, somente a camada menos favorecida dos pensadores participou ativamente.

A concepção anarquista do papel das massas na revolução social e na construção do socialismo difere-se tipicamente daquele dos partidos estatistas.

Enquanto o bolchevismo e tendências afins consideram que as massas possuem somente instintos destrutivos e revolucionários, sendo incapazes de realizar atividades criativas e construtivas - a principal razão pela qual a última atividade deve concentrar-se nas mãos dos homens que formam o governo do Estado do Comitê Central do partido - os anarquistas, pelo contrário, acham que as massas trabalhadoras possuem enormes possibilidades criativas e construtivas inerentes, e os anarquistas desejam suprimir os obstáculos que impedem a manifestação destas possibilidades.

Os anarquistas consideram o Estado o principal obstáculo, que usurpa os direitos das massas e retira delas todas as funções da vida econômica e social. O Estado deve perecer, não "em algum dia" na sociedade vindoura, mas sim imediatamente. Deve ser destruído pelos trabalhadores no primeiro dia de sua vitória, e jamais deverá ser reconstituído usando qualquer outro tipo de falsa aparência. O Estado será substituído por um sistema federalista de organizações dos trabalhadores de produção e consumo, unidas federalmente e autogestionadas. Este sistema exclui tanto as organizações autoritárias quanto a ditadura de um determinado partido, qualquer que seja ele.

A Revolução Russa de 1917 demonstra precisamente esta orientação do processo de emancipação social através da criação do sistema de soviets de operários e camponeses e os comitês de fábrica. Seu triste erro foi não ter liquidado, em um momento oportuno, a organização de poder do Estado: inicialmente do Governo Provisório, e em seguida do poder bolchevista. Os bolchevistas, aproveitando-se da confiança dos trabalhadores e dos camponeses, reorganizaram o estado burguês de acordo com as circunstâncias do momento e, conseqüentemente, mataram a atividade criativa das massas, através do apoio e da manutenção do Estado: que sufocou o regime livre dos soviets e dos comitês de fábrica, o que havia representado o primeiro passo em direção à construção de uma sociedade socialista não-estatal.

A ação dos anarquistas pode ser dividida em dois períodos, um antes da revolução, e outro durante a revolução. Em ambos, os anarquistas só podem satisfazer seu papel como uma força organizada e se possuírem uma concepção clara dos objetivos de sua luta e os caminhos que levam à realização destes objetivos.

A tarefa fundamental da União Geral dos Anarquistas no período pré-revolucionário deve ser a de preparar os operários e camponeses para a revolução social.

Negando a democracia formal (burguesa), a Autoridade e o Estado, proclamando a total emancipação trabalhista, o anarquismo enfatiza ao máximo

os rigorosos princípios da luta de classes. Isto atenta e desenvolve nas massas consciência de classe e a intransigência revolucionária da classe.

É precisamente em direção à intransigência de classe, 'anti-democratismo', anti-estatismo' das idéias do anarco-comunismo que a educação libertária das massas deve ser direcionada, mas a educação em si não é o suficiente - É também necessária uma certa organização da massa anarquista - Para realizar isto, é necessário trabalhar em dois sentidos: por um lado, trabalhar em direção à seleção e agrupamento de forças revolucionárias de trabalhadores e camponeses levando em conta uma base libertária comunista teórica (uma organização especificamente libertária comunista); por outro lado, em direção à um reagrupamento de trabalhadores e camponeses revolucionários baseado em uma economia de produção e consumo (trabalhadores e camponeses revolucionários organizados em volta da produção: trabalhadores e camponeses livres cooperativos). A classe dos trabalhadores e camponeses, organizada com base na produção e consumo, penetrada por posições anarquistas revolucionárias, será o primeiro grande ponto a favor da revolução social.

Quanto mais estas organizações estiverem conscientes e organizadas de uma maneira anarquista, como a presente, maior será a manifestação da vontade intransigente e criativa na hora da revolução.

Quanto à classe trabalhadora russa: está claro que após oito anos de ditadura bolchevista, que acorrenta as necessidades naturais de as massas terem atividade livre, a natureza verdadeira de toda e qualquer forma de poder é demonstrada melhor do que nunca; esta classe possui dentro de si grandes possibilidades para a formação de um movimento anarquista de massa. Militantes anarquistas organizados deveriam ir imediatamente, com toda força a seu dispor, encontrar-se com estas necessidades e possibilidades, de forma que elas não se degenerem em reformismo ('menchevismo').

Com a mesma urgência, anarquistas deveriam dedicar-se à organização dos camponeses pobres, que são esmagados pelo poder estatal, procuram uma solução para o problema e escondem um enorme potencial revolucionário.

O papel dos anarquistas no período revolucionário não pode ser restrito somente à propagação das linhas mestras das idéias libertárias. A vida não é só uma arena para a propagação desta ou daquela concepção, mas também, e da mesma forma, uma arena de luta, de estratégia, e de aspirações destas concepções na gestão da vida social e econômica.

Mais do que qualquer outro conceito, o anarquismo deveria se tornar o principal conceito de revolução, pois é somente dentro da base teórica anarquista que a revolução social pode ser bem sucedida na total emancipação trabalhista.

A principal posição das idéias anarquistas na revolução sugere uma orientação de acontecimentos direcionados pela teoria anarquista.

Contudo, esta força teórica condutora não deve ser confundida com a liderança política dos partidos estatais que levam, por fim ao Poder de Estado.

O anarquismo não aspira ao poder político nem à ditadura. Sua principal aspiração é ajudar as massas a tomar o caminho autêntico da revolução social e da construção do socialismo. Mas não é o bastante que as massas tomem o caminho da revolução social. É também necessário manter esta orientação de revolução e seus propósitos: a supressão da sociedade capitalista em nome dos trabalhadores livres. Como a experiência da Revolução Russa de 1917 nos mostrou, esta última tarefa está longe de ser fácil, principalmente por causa dos inúmeros partidos que tentam orientar o movimento para uma direção oposta à da revolução social.

Apesar das massas se expressarem profundamente nos movimentos sociais, em termos de tendências e princípios anarquistas, estas tendências e princípios ainda permanecem dispersos, sendo descoordenados, e, conseqüentemente, não levam à organização da força condutora das idéias libertárias, a qual é necessária para a preservação da orientação anarquista e dos objetivos da revolução social. Esta força condutora teórica só pode ser expressada por um coletivo criado especialmente pelas massas com esse propósito. Os elementos anarquistas organizados constituem exatamente este coletivo.

As massas exigem uma resposta clara e precisa dos anarquistas a respeito destas e de muitas outras questões. E, a partir do momento que os anarquistas declaram uma concepção de revolução e da estrutura da sociedade, eles são obrigados a dar uma resposta clara à todas estas questões, relacionar a solução destes problemas à concepção geral de comunismo libertário, e dedicar todas suas forças à realização destes.

Somente desta forma a União Geral dos Anarquistas e o movimento anarquista asseguram completamente sua função como forças teóricas condutoras na revolução social.

7. O período de transição

Os partidos socialistas entendem a expressão 'período de transição' como sendo uma fase definitiva na vida do povo cujos traços característicos são: ruptura com a velha ordem e a instalação de um novo sistema econômico e social - um sistema que, no entanto, ainda não representa a total emancipação dos trabalhadores. Neste sentido, todos os programas mínimos (um programa

mínimo não tem o objetivo de transformar o capitalismo, mas sim de solucionar alguns dos problemas imediatos que assolam a classe trabalhadora sob o regime capitalista.) dos partidos políticos socialistas, por exemplo, o programa democrático dos oportunistas socialistas ou o programa comunista pela 'ditadura do proletariado', são programas do período de transição.

O traço essencial de todos estes é que eles consideram impossível, no momento, a concretização completa dos ideais dos trabalhadores: sua independência, liberdade e igualdade - e, conseqüentemente, preservam várias instituições do sistema capitalista: o princípio de coerção estatal, privatização dos meios e instrumentos de produção, a burocracia, e muitos outros, de acordo com as metas do programa de cada partido.

A princípio, os anarquistas sempre têm sido inimigos de tais programas, considerando-se que a construção de sistemas de transição, que mantêm os princípios de exploração e coerção das massas, levam, inevitavelmente, a um novo crescimento da escravidão.

Em vez de estabelecer programas mínimos políticos, os anarquistas sempre defenderam a idéia de uma revolução social imediata, que prive a classe capitalista de seus privilégios econômicos e sociais, e coloque os meios e instrumentos de produção e todas as funções da vida econômica e social nas mãos dos trabalhadores.

Até agora, foram os anarquistas que mantiveram este posicionamento.

A idéia do período de transição, de acordo com o qual a revolução social deve levar não à uma sociedade comunista, mas sim a um sistema X, mantendo elementos do velho sistema, é anti-social em essência. Ele ameaça resultar em um reforço e desenvolvimento destes elementos às suas dimensões anteriores, e isto seria como dar um passo para atrás.

Um flagrante exemplo disto é o regime de 'ditadura do proletariado' estabelecido pelos bolchevistas na Rússia.

De acordo com eles, o regime deve ser somente uma passo transitório rumo ao comunismo total. Na verdade, este passo resultou na restauração da sociedade de classes, na qual os trabalhadores e camponeses voltaram a ficar por baixo.

O centro de gravidade para a construção de uma sociedade comunista não consiste na possibilidade de assegurar a cada indivíduo liberdade ilimitada para satisfazer suas necessidades a partir do primeiro dia de revolução; mas consiste na conquista da base social desta sociedade, e estabelecimento dos princípios de relacionamentos igualitários entre os indivíduos. Quanto à questão da abundância, maior ou menor, ela não se posiciona ao nível de princípios.

mas sim como um problema técnico.

O princípio fundamental sobre o qual a nova sociedade será erigida e posicionada, e que não deve ser restrito de qualquer forma é aquele de igualdade de relacionamentos, de liberdade e independência dos trabalhadores. Este princípio representa a primeira exigência fundamental das massas, pelo qual elas se erguem em uma revolução social.

Ou a revolução social terminará com a derrota dos trabalhadores, que seria o caso de começarmos novamente a preparação da luta, uma nova ofensiva contra o sistema capitalista, ou levará à vitória dos trabalhadores, e neste caso, tendo conquistado os meios que permitem auto-gestão - a terra, produção, e funções sociais - os trabalhadores começarão a construção de uma sociedade livre.

Isto é o que caracteriza o início da construção de uma sociedade comunista, que, uma vez começada, continua seguindo o rumo de seu desenvolvimento sem interrupções, reforçando-se e aprimorando-se continuamente.

Desta forma, a tomada das funções sociais e produtivas por parte dos trabalhadores, traçará uma linha exata de demarcação entre as eras estatal e não-estatal.

Se deseja se tornar um porta-voz das massas combatentes, a bandeira de toda uma era de revolução social, o anarquismo não deve assimilar traços da velha ordem em seu programa, as tendências oportunistas de sistemas e períodos de transição, não escondem seus princípios fundamentais, mas, pelo contrário, os desenvolve e aplica o máximo possível.

8. Anarquismo e sindicalismo

Consideramos a tendência de opor comunismo libertário a sindicalismo, e vice-versa, artificial e desprovida de fundamento e significado.

As idéias do anarquismo e as do sindicalismo pertencem a dois planos diferentes. Enquanto o comunismo, isto é, uma sociedade de trabalhadores livres, é a meta da luta anarquista - sindicalismo, isto é, o movimento revolucionário de trabalhadores nas suas ocupações, é somente uma das formas de luta de classes revolucionária. Através da união de trabalhadores baseada na produção, o sindicalismo revolucionário, como todos os grupos baseados em profissões, não possui uma teoria determinada, não possui uma concepção do mundo que responda todas as complicadas questões sociais e políticas da realidade contemporânea. O sindicalismo sempre reflete as ideologias de diversos grupos políticos, notavelmente daqueles que trabalham mais

intensamente em seus postos.

Nossa postura perante o sindicalismo revolucionário origina-se do que será dito em seguida. Sem querer tentar solucionar com antecedência a questão do papel dos sindicatos revolucionários após a revolução, se eles serão os organizadores de uma nova produção, ou se deixarão esta função para os comitês de fábricas ou os soviets de trabalhadores - julgamos que os anarquistas devem participar do sindicalismo revolucionário como sendo uma das formas do movimento revolucionário dos trabalhadores.

Contudo, a questão colocada hoje não é se os anarquistas devem ou não participar do sindicalismo revolucionário, mas sim como e para que fim eles devem tomar parte.

Consideramos o período, até o dia de hoje, quando os anarquistas entraram no movimento sindicalista como indivíduos e propagandistas, como um período de relações artesanais direcionadas ao movimento dos trabalhadores profissionais.

O anarco-sindicalismo, tentando introduzir forçosamente as idéias libertárias na ala esquerda do sindicalismo revolucionário como sendo uma forma de criar tipos de sindicatos anarquistas, representa um passo para frente, porém ainda não deixa de ser um método empírico, pois o anarco-sindicalismo não necessariamente une a 'anarquização' do movimento sindicalista com aquela dos anarquistas organizados fora do movimento. Pois somente dentro desta base, de tal ligação, que o sindicalismo revolucionário pode ser 'anarquizado' e impedido de se direcionar ao oportunismo ou reformismo.

Considerando o sindicalismo somente como um corpo profissional de trabalhadores sem uma teoria social e política coerente, e, conseqüentemente, sem poder para resolver a questão social sozinho, acreditamos que as tarefas dos anarquistas nos postos do movimento consiste em desenvolver a teoria libertária, e conduzi-lo em uma direção libertária, a fim de transformá-lo em um braço ativo da revolução social. É preciso ter sempre em mente que, se o sindicalismo não achar na teoria anarquista um apoio nos momentos oportunos, ele se direcionará, com ou sem nossa aprovação, para a ideologia de um partido político estatal.

As funções dos anarquistas nos postos do movimento revolucionário dos trabalhadores poderão ser concretizadas somente sob as condições de seus trabalhos estarem diretamente ligados e costurados à atividade da organização anarquista fora do sindicato. Em outras palavras, devemos entrar em sindicatos revolucionários como uma força organizada, responsável por executar metas no sindicato perante a organização anarquista geral e orientada por ela.

Sem nos restringirmos apenas à criação de sindicatos anarquistas, devemos exercitar nossa influência teórica em todos os sindicatos, e de todas as formas (a IWW, o sindicato russo). Só podemos conquistar este objetivo trabalhando em coletivos anarquistas rigorosamente organizados; mas nunca em pequenos grupos empíricos, que não têm entre eles nem uma ligação organizacional nem um acordo teórico.

Grupos anarquistas em companhias, fábricas e oficinas de trabalhos, preocupados em criar sindicatos anarquistas, levando a luta em sindicatos revolucionários para a dominação das idéias libertárias no sindicalismo, grupos cujas ações são organizadas por uma organização anarquista geral: estas são as formas e os meios das posturas anarquistas quanto ao sindicalismo.

Seção Construtiva

A meta fundamental dos trabalhadores na luta é a fundação, por meio da revolução, de uma sociedade comunista livre e igualitária fundada no princípio "de cada um de acordo com sua habilidade, para cada um de acordo com suas necessidades".

No entanto, esta sociedade não surgirá sozinha, somente pela força da revolução. Sua concretização se dará por um processo de revolução social, mais ou menos esquematizado, orientado pelas forças organizadas dos trabalhadores vitoriosos em um caminho determinado.

A nossa função é indicar este caminho a partir de agora, e formular problemas concretos e positivos que ocorrerão aos trabalhadores desde o primeiro dia de revolução social, o resultado que depende dos acertos de suas soluções.

É evidente que a construção de uma nova sociedade só será possível após a vitória dos trabalhadores em cima do sistema capitalista burguês e seus representativos. É impossível começar a construção de uma nova economia e novas relações sociais enquanto o poder do Estado, que defende o regime de escravidão, não tiver sido esmagado, enquanto trabalhadores e camponeses não tiverem tomado, como o objeto da revolução, a economia industrial e agrícola.

Consequentemente, a primeira tarefa social revolucionária é esmagar o edifício estatal do sistema capitalista, desapropriar a burguesia e todos os elementos privilegiados em geral dos seus meios de poder, e estabelecer acima de tudo a vontade de revolta dos trabalhadores, como é expressado pelos princípios fundamentais da revolução social. Este aspecto agressivo e destrutivo da revolução só pode servir para limpar o caminho para as tarefas positivas

que formam o significado e a essência da revolução social
Estas tarefas são as que se seguem:

1. A solução, no sentido comunista libertário, do problema da produção industrial do país.
2. Similarmente, a solução do problema agrário.
3. A solução do problema de consumo.

Produção

Levando-se em conta que a indústria de um país é o resultado dos esforços de várias gerações de trabalhadores e que as diversas ramificações da indústria estão fortemente ligadas, consideramos toda produção efetiva como uma única oficina de trabalho de produtores, pertencendo totalmente a todos os trabalhadores juntos, e não a alguém em particular.

O mecanismo produtivo do país é global e pertence à toda classe trabalhadora. Esta tese determina o caráter e as formas da nova produção. Ela também será global, comum no sentido que os produtos produzidos pelos trabalhadores pertencerão a todos. Estes produtos, de qualquer categoria que sejam, serão o fundo geral de provisões para os trabalhadores, onde cada um que participar na produção receberá aquilo que precisar, de uma forma igual para todos.

O novo sistema de produção suplantará totalmente a burocracia e a exploração em todas as suas formas e estabelecerá em seu lugar o princípio de cooperação fraternal e solidariedade entre os trabalhadores.

A classe média, que em uma sociedade capitalista moderna exercita funções intermediárias - comércio, etc., assim como a burguesia, deve tomar parte do novo modo de produção sob as mesmas condições que todos os outros trabalhadores. Caso contrário, estas classes se posicionarão fora da sociedade de trabalho.

Não haverá chefes, nem empreendedores, proprietário ou proprietário indicado pelo Estado (como é o caso atual do Estado bolchevista). Nesta nova produção, a gestão será repassada para a administração especialmente criada pelos trabalhadores: soviets de trabalhadores, comitês de fábrica ou gestão pelos trabalhadores de trabalhos e fábricas. Estes órgãos, serão interligados ao nível de comuna, distrito e finalmente à gestão geral e federal da produção. Construídos pelas massas e sempre sob seu controle e influência, todos estes

órgãos serão constantemente renovadores e realizadores da idéia de autogestão, autogestão verdadeira, pelas massas populares.

A produção unificada, na qual os meios e os produtos pertencem a todos, tendo substituído a burocracia pelo princípio de cooperação fraternal e tendo estabelecido direitos iguais para todo tipo de trabalho, da gestão produtiva feita pelos órgãos de controle dos trabalhadores, eleitos pelas massas, é o primeiro passo verdadeiro no caminho para a realização do comunismo libertário.

Consumo

Este problema aparecerá durante a revolução em duas formas:

1. O princípio da procura por produtos e consumo.

2. O princípio de sua distribuição.

Naquilo que concerne a distribuição de mercadorias aos consumidores, a solução depende sobretudo da quantidade de produtos disponíveis e do princípio de acordo de alvos.

A revolução social, preocupando-se com a reconstrução de toda ordem social, toma para si também a obrigação de satisfazer as necessidades de vida de todos. A única exceção é do grupo dos não trabalhadores - aqueles que se negam a tomar parte na nova produção por razões contra-revolucionárias. Mas em geral, excetuando-se a última categoria de pessoas, a satisfação das necessidades de todos na área da revolução é assegurada pela reserva geral de mercadorias. No caso da insuficiência de mercadorias, elas são divididas de acordo com o princípio de maior urgência, isto é, o caso de crianças, inválidos e famílias trabalhadoras.

Um problema ainda mais difícil é a organização de uma base para o consumo em si.

Sem dúvidas, desde o primeiro dia da revolução, as fazendas não oferecerão todos os produtos vitais à vida da população. Ao tempo que os camponeses têm em abundância o que falta às cidades.

Os comunistas libertários não têm dúvidas sobre o relacionamento mútuo existente entre os trabalhadores da cidade e os do campo. Eles acreditam que a revolução social só pode ser realizada através dos esforços iguais de trabalhadores e camponeses. Em consequência, a solução do problema de consumo na revolução só será possível por meio de uma colaboração

revolucionária direta entre estas duas categorias de trabalhadores.

Para estabelecer esta colaboração, a classe trabalhadora urbana, tendo assumido a produção, deve imediatamente suprir as necessidades de sobrevivência do campo e esforçar-se por prover os produtos, meios e implementos usados na agricultura coletiva diariamente. As medidas de solidariedade tomadas pelos trabalhadores quanto às necessidades dos camponeses, provocarão como resposta destes o mesmo tipo de gesto, a provisão do produto do seu trabalho coletivo para as cidades.

As cooperativas de trabalhadores e camponeses serão os principais órgãos, assegurando às cidades e ao campo suas necessidades em alimentação e materiais econômicos. Mais tarde, sendo também responsáveis por funções mais importantes e permanentes, como fornecer tudo que seja necessário para garantir e desenvolver a vida social e econômica dos trabalhadores e camponeses, estas cooperativas serão transformadas em órgãos permanentes encarregados de prover cidades e campo.

Esta solução para o problema de provisão permite ao proletariado criar um estoque permanente de provisões, que terá um efeito favorável e decisivo no resultado de toda nova produção.

A terra

Para a solução do problema agrário, acreditamos serem os camponeses trabalhadores, que não exploram o trabalho de outros - e o proletariado assalariado do campo as principais forças revolucionárias e criativas. Sua tarefa será efetivar a redistribuição de terras no campo de forma a estabelecer o uso e exploração da terra de acordo com princípios comunistas.

Como a indústria, a terra, explorada e cultivada por sucessivas gerações de trabalhadores, é o produto dos seus esforços. Também pertence a todos os trabalhadores e a ninguém em particular, visto que é propriedade comum e inalienável dos trabalhadores. A terra nunca mais pode ser comprada, vendida ou alugada; ela não pode, portanto, servir como um meio de exploração do trabalho de outros.

A terra é também uma espécie de oficina de trabalho geral e pública, onde as pessoas produzem os meios pelos quais vivem. Mas é o tipo de oficina onde cada trabalhador (camponês) se acostumou, graças à certas condições históricas, a realizar seu trabalho sozinho, independente de outros produtores. Enquanto, na indústria, o método coletivo de trabalho é essencial e o único caminho possível nos dias de hoje, a maioria dos camponeses cultiva a terra por conta própria.

Conseqüentemente, quando a terra e os meios para sua exploração são assumidos pelos camponeses, sem possibilidade de venda ou arrendamento, a questão das formas de utilização e os métodos de exploração (comunitário ou familiar) não achará uma solução completa e definitiva imediatamente, como no setor industrial. De início, provavelmente ambos os métodos serão usados.

Serão os próprios camponeses revolucionários que estabelecerão os termos definitivos de exploração e utilização da terra. Nenhuma pressão vinda de fora será possível quanto à esta questão.

Contudo, já que consideramos que somente uma sociedade comunista, pela qual a revolução social será realizada, retira os trabalhadores da sua situação de escravidão e exploração e lhes dá total liberdade e igualdade; já que os camponeses constituem a grande maioria da população (quase 85% na Rússia na época tratada aqui) e, conseqüentemente, o regime agrário que eles estabeleceram será o fator decisivo do destino da revolução; e, finalmente, já que uma economia privada para a agricultura, assim como em uma indústria privada, leva a um comércio, acumulação, propriedade privada e restauração de capital - nosso dever será o de fazer tudo possível, desde agora, para facilitar a solução do problema agrário de uma forma coletiva.

Para tal, precisamos, desde já, nos engajar em uma propaganda enérgica entre os camponeses a favor de uma economia agrária coletiva.

A fundação de um sindicato especificamente dos camponeses libertários, facilitará consideravelmente esta tarefa.

A respeito disto, o progresso técnico será de grande importância, facilitando a evolução da agricultura, assim como a concretização do comunismo nas cidades e, acima de tudo, na indústria. Se os trabalhadores industriais agirem junto aos camponeses, não individualmente ou em grupos separados, mas sim como um imenso coletivo comunista, abraçando todos os ramos da indústria; se, além disso, eles manterem em mente as necessidades do campo e se, ao mesmo tempo, suprirem cada vila com coisas usadas diariamente, ferramentas e máquinas para a exploração coletiva das terras, os camponeses se sentirão impelidos a aplicar o comunismo na agricultura.

A defesa da revolução

A questão da defesa da revolução também está ligada ao problema do 'primeiro dia'. Basicamente, o meio mais poderoso para a defesa da revolução é a solução feliz para seus problemas positivos: produção, consumo, e a terra. Assim que se resolver corretamente estes problemas, nenhum contra-revolucionário será capaz de alterar ou desequilibrar a sociedade livre.

No entanto, os trabalhadores terão que sustentar uma luta ferrenha contra os inimigos da revolução, a fim de manter sua existência concreta.

A revolução social, que ameaça os privilégios e a própria existência das classes não-trabalhadoras da sociedade, provocará inevitavelmente uma resistência desesperada por parte destas classes, que tomará a forma de uma violenta guerra civil.

Como podemos perceber pelo que aconteceu na Rússia, uma guerra civil como tal não será uma questão de poucos meses, mas sim de muitos anos.

Não importando quão bem sucedidos sejam os primeiros passos dos trabalhadores no início da revolução, as classes dominantes irão conservar uma enorme capacidade de resistência por muito tempo. Por muitos anos elas irão lançar ofensivas contra a revolução, tentando reconquistar o poder e os privilégios dos quais foram desprovidas.

Uma grande exército, estratégias e técnicas militares, capital - serão jogados contra os trabalhadores vitoriosos.

De forma a preservar as conquistas da revolução, os trabalhadores devem criar órgãos para a defesa da revolução, para assim fazer oposição às ofensivas reacionárias com uma força guerrilheira que corresponda à magnitude da tarefa. Nos primeiros dias da revolução, esta força guerrilheira será formada por todos os trabalhadores e camponeses armados. Mas esta força armada espontânea só será valiosa durante os primeiros dias, antes de a guerra civil alcançar seu pico e os dois partidos em luta terem criado organizações militares regularmente constituídas.

Na revolução social o momento mais crítico não é durante a supressão da Autoridade, mais sim o que se segue, que é quando as forças do regime derrotado lançam uma ofensiva geral contra os trabalhadores, e quando se trata de uma questão de se guardar bem as conquistas sob ataque. O caráter próprio desta ofensiva, assim como as técnicas e o desenvolvimento da guerra civil, obrigarão os trabalhadores a criar certos contingentes militares revolucionários. A essência e os princípios fundamentais destas formações deverão ser decididos com antecedência. Ao negar os métodos de governo estatais e autoritários, também estaremos negando o método estatal de organizar as forças militares de trabalhadores, em outras palavras, os princípios de um exército estatal baseado no serviço militar obrigatório. Sendo coerente com as posições fundamentais do comunismo libertário, o princípio de serviço voluntário deve ser a base das formações militares de trabalhadores. As repartições de guerrilheiros insurgentes, trabalhadores e camponeses, que lideraram a ação militar na revolução russa, podem ser citadas como exemplos

de tais formações.

No entanto, 'serviço voluntário' e a ação de guerrilheiros não deve ser entendida no sentido estrito da palavra, que é o de uma luta de repartições de trabalhadores e camponeses contra o inimigo local, não coordenada por um plano geral de operação e cada uma agindo sob sua própria responsabilidade, sob seu próprio risco. A ação e as táticas usadas pelos guerrilheiros no período de seu desenvolvimento completo devem ser guiadas por uma estratégia revolucionária comum.

Como em todas as guerras, a guerra civil não pode ser financiada com êxito pelos trabalhadores, a menos que eles apliquem os dois princípios fundamentais de qualquer ação militar: unidade no planejamento de operações e unidade de comando em comum. O momento mais crítico da revolução virá quando a burguesia marchar contra a revolução como uma força organizada. Este momento crítico obriga os trabalhadores a adotar estes princípios de estratégia militar.

Desta maneira, em vista das necessidades impostas pela estratégia militar e também pela estratégia contra-revolucionária, as forças armadas da revolução devem, inevitavelmente, ser baseadas em um exército revolucionário geral com um comando em comum e planejamento de operações. Os princípios que se seguem formam a base para este exército.

- (a) o caráter de classe do exército;
- (b) serviço voluntário (qualquer coação será completamente excluída da tarefa de defender a revolução);
- (c) disciplina revolucionária livre (autodisciplina) (serviço voluntário e autodisciplina revolucionária são perfeitamente compatíveis, e dão ao exército revolucionário mais moral do que qualquer exército do Estado);
- (d) submissão total do exército revolucionário às massas de trabalhadores e camponeses como são representadas pelas organizações de trabalhadores e camponeses comum por todo país, e estabelecidas pelas massas nos setores de controle da vida econômica e social.

Em outras palavras, o órgão de defesa da revolução, responsável por combater a contra-revolução, por grandes frentes militares assim como por uma frente interna (complots burgueses, preparação para ação

contra-revolucionária), estará inteiramente sob a jurisdição das organizações produtivas dos trabalhadores e camponeses, às quais será submisso, e pelas quais receberá seu direcionamento político.

Observação: ao mesmo tempo que deve ser conduzido em conformidade com princípios comunistas libertários definitivos, o exército em si não deve ser considerado um ponto de princípio. Não é nada além de uma consequência de estratégia militar na revolução, uma medida estratégica que os trabalhadores são fatalmente forçados a tomar devido o processo de guerra civil. Mas esta medida deve chamar atenção a partir de agora. Deve ser estudada cuidadosamente a fim de evitar quaisquer contratempos irreparáveis no trabalho de proteção e defesa da revolução, pois os contratempos em uma guerra civil podem provar ser desastrosos ao resultado de toda revolução social.

Seção Organizacional

As posições gerais, construtivas expressadas acima constituem a plataforma organizacional das forças revolucionárias do anarquismo.

Esta plataforma, contendo uma orientação tática e teórica definitiva, parece ser o mínimo necessário e urgente para reunir todos os militantes do movimento anarquista organizado.

Sua tarefa é agrupar ao seu redor todos os elementos saudáveis do movimento anarquista em uma organização geral, ativa e agitadora em uma base permanente: a União Geral dos Anarquistas. As forças de todos os militantes anarquistas devem ser orientadas em direção à criação desta organização.

Os princípios fundamentais para a organização de uma União Geral de Anarquistas são os seguintes:

1. Unidade Teórica

A teoria representa a força que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma trilha definida e direcionada a um objetivo determinado. Naturalmente, ela deve ser comum a todas as pessoas e organizações aderentes à União Geral. Qualquer atividade realizada pela União Geral, tanto no global quanto em seus detalhes, deve estar em perfeita concórdia com os princípios teóricos professados pelo coletivo.

2. Unidade Tática ou o Método Coletivo de Ação

Da mesma forma, os métodos táticos aplicados pelos membros e grupos isolados dentro da União devem ser unitários, ou seja, estar em concórdia

rigorosa tanto entre si quanto com a teoria e a tática da União.

Uma linha tática comum no movimento é de importância decisiva para a existência da organização e para o movimento todo: ela elimina o efeito desastroso de várias táticas que se opõem entre si, concentra as forças do movimento, oferece à elas uma direção em comum levando, portanto, a um objetivo fixo.

3. Responsabilidade Coletiva

A prática de agir sob a responsabilidade de um indivíduo deve ser decididamente condenada e rejeitada nos postos do movimento anarquista. As áreas da vida revolucionária, sociais e políticas, são, acima de tudo, profundamente coletivas por natureza. A atividade social revolucionária nestas áreas não pode ser baseada na responsabilidade de indivíduos militantes.

O órgão executivo do movimento anarquista geral, a União Anarquista, ao tomar uma posição definitiva contra a tática de individualismo irresponsável, introduz em seus postos o princípio de responsabilidade coletiva: a União toda será responsável pela atividade política e revolucionária de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade política e revolucionária de União como um todo.

4. Federalismo

O anarquismo sempre negou o conceito de organização centralizada, tanto na área da vida social das massas quanto na sua ação política. O sistema centralizado depende na diminuição do espírito crítico, iniciativa e independência de cada indivíduo e na submissão cega das massas ao 'centro'. As consequências naturais e inevitáveis deste sistema são a escravidão e a mecanização da vida social e da vida da organização.

Sendo contra a centralização, o anarquismo sempre professou e defendeu o princípio do federalismo, que concilia a independência e a iniciativa dos indivíduos e da organização que servem à causa comum.

Ao conciliar a idéia de independência e alto grau dos direitos de cada indivíduo com o serviço das carências e necessidades sociais, o federalismo abre as portas para toda manifestação saudável das faculdades de todo indivíduo.

Mas, freqüentemente, o princípio federalista tem sido deformado nos postos anarquistas: ele tem sido interpretado como o direito, acima de tudo, de manifestar o 'ego' de alguém, sem a obrigação de arcar com os deveres para com a organização.

Esta falsa interpretação já desorganizou nosso movimento no passado.

Está na hora de pôr um fim a isso de uma forma firme e irreversível.

A federação significa a concordância livre entre indivíduos e organizações a trabalhar coletivamente em rumo a um objetivo comum.

Contudo, tal acordo e federação, que é baseada nele, só poderão se tornar realidade, ao invés de ficção ou ilusão, sob as condições essenciais de que todos os participantes do acordo e a União cumpram completamente os deveres assumidos, e conforme as decisões compartilhadas. Em se tratando de um projeto social, independente de quão vasta seja a base federalista na qual é construído, não podem haver decisões que não sejam executadas. Isso é ainda menos admissível em uma organização anarquista, que assume exclusivamente obrigações relacionadas aos trabalhadores e sua revolução social.

Consequentemente, o tipo federalista de organização anarquista, ao mesmo tempo que reconhece os direitos de independência, opinião livre, liberdade individual e iniciativa de cada membro, requer deles que assumam deveres organizacionais fixos, e exige a execução de decisões compartilhadas.

Somente com esta condição o princípio federalista terá vida, e a organização anarquista funcionará corretamente, e se guiará em direção do objetivo definido.

A idéia da União Geral dos Anarquistas expõe o problema de coordenação e concordância das atividades de todas as forças do movimento anarquista.

Cada organização aderente à União representa uma célula vital do organismo todo. Cada célula deve ter seu secretariado, executando e guiando teoricamente o trabalho político e técnico da organização.

Visando a coordenação da atividade de todas as organizações aderentes da União, um órgão especial será criado: o comitê executivo da União. O comitê será responsável pelas seguintes funções: a execução das decisões tomadas pela União com as quais são confiados; a orientação teórica e organizacional da atividade de organizações isoladas consistente com as posições teóricas e a linha geral tática da União; a monitoração do estado geral do movimento; a manutenção das relações de trabalho e organizacionais entre todas as organizações da União; e com outras organizações.

Os direitos, responsabilidades e tarefas efetivas do comitê executivo são fixados pelo congresso da União. A União Geral dos Anarquistas tem uma meta concreta e determinada. Em nome do sucesso da revolução social ela deve, acima de tudo, atrair e absorver os elementos mais revolucionários e altamente críticos dos operários e camponeses.

Exaltando a revolução social, e mais ainda, sendo uma organização anti-autoritária que aspira à abolição da sociedade de classes, a União Geral

dos Anarquistas depende igualmente das duas classes fundamentais da sociedade: os operários e os camponeses. Ela põe peso igual sob o trabalho de emancipação destas duas classes.

Quanto aos sindicatos dos trabalhadores e as organizações revolucionárias das cidades, a União Geral dos Anarquistas terá de dedicar todos os seus esforços para ser seu pioneiro e guia teórico.

Ela assume a mesma tarefa em relação às massas exploradas de camponeses. Assim como pretende ter o mesmo papel que o sindicato revolucionário dos trabalhadores, a União se esforça por efetivar a criação de uma rede de organizações econômicas revolucionárias dos camponeses, além disso, uma união específica de camponeses, fundada a partir de princípios anti-autoritários.

Nascida da massa de pessoas trabalhadoras, a União Geral deve tomar parte de todas as manifestações de suas vidas, levando a eles o espírito de organização, perseverança e ofensiva em todas as ocasiões. Somente desta forma ela poderá concretizar sua tarefa, sua missão teórica e histórica na revolução social dos trabalhadores, e se tornar a vanguarda organizada do seu processo de emancipação.

Nestor Makhno, Ida Mett, Piotr Archinov, Valevsky, Linsky, 1927

SOBRE A DEFESA DA REVOLUÇÃO

NESTOR MAKHNO

No quadro da discussão que houve, entre nossos camaradas de diversos países, em torno do projeto de Plataforma da União Geral dos Anarquistas, publicado pelo grupo dos anarquistas russos no exterior, pergunto-me sobre as inúmeras maneiras de dedicar um artigo específico à questão da defesa da revolução.

Esforçar-me-ei para tratá-la com a maior atenção, mas presumo que meu dever é, desde já, advertir os camaradas que esta questão não é o ponto central do projeto da Plataforma. Sua parte essencial consiste na necessidade de unir nossas fileiras comunistas libertárias da maneira mais conseqüente.

Essa parte carece de ser emendada e completada antes de ser posta em execução. Ou então, se não agruparmos nossas forças, nosso movimento estará condenado a sucumbir definitivamente sob a influência dos liberais e dos oportunistas que freqüentam nosso meio: especuladores e aventureiros políticos, uma corja que, na melhor das hipóteses, se dedica à tagarelice e às intrigas, incapaz que é de lutar pela realização de nossos grandiosos objetivos.

Nossos objetivos só serão alcançados se juntarmos a nós todos os que instintivamente acreditam na justeza de nossa luta e desejam conquistar para a revolução a liberdade e a independência mais completas, a fim de construir uma vida e uma sociedade novas, onde cada um poderá enfim afirmar sua vontade criadora para o bem de todos.

No que diz respeito à questão particular da defesa da revolução, eu me apoiarei sobre a experiência que vivi durante a revolução russa na Ucrânia, no curso da luta ilegal, porém decisiva, conduzida pelo movimento revolucionário dos trabalhadores ucranianos. Essa experiência me ensinou que, em primeiro lugar, a defesa da revolução

está diretamente ligada à sua ofensiva contra a contra-revolução; em segundo lugar, seu crescimento e sua intensidade colidirão sempre com a resistência dos contra-revolucionários; em terceiro lugar, em consequência do que já foi dito: as ações revolucionárias dependem intimamente do conteúdo político, da estruturação e dos métodos organizacionais empregados pelos destacamentos revolucionários armados, que devem combater, numa extensa frente, os exércitos convencionais contra-revolucionários.

Na luta contra seus inimigos, a revolução russa começou por organizar, sob a direção dos bolcheviques, os destacamentos de guardas vermelhos. Logo se percebeu que eles não suportariam a pressão das forças inimigas - no caso, os corpos expedicionários alemães, austríacos e húngaros -, pela simples razão de que agiam, na maior parte do tempo, sem qualquer orientação operacional geral. Eis por que os bolcheviques recorreram à organização do exército vermelho, na primavera de 1918.

Foi então que nós lançamos a palavra de ordem da organização de "batalhões livres" de trabalhadores ucranianos. Rapidamente, tornou-se visível que essa organização era impotente para enfrentar as provocações internas de todo tipo, pela falta de critérios sociais e políticos com que aceitava todos os voluntários, que desejavam unicamente pegar em armas e combater. O fato é que as unidades armadas constituídas por essa organização foram traiçoeiramente entregues ao inimigo, circunstância que as impediu de cumprir até o fim seu papel histórico na luta contra a contra-revolução estrangeira.

Contudo, diante desse primeiro fracasso da organização de "batalhões livres" - que poderiam ser qualificados de unidades combatentes para a defesa imediata da revolução - nós não perdemos a cabeça. A organização foi um pouco modificada em sua forma, incluindo cavalaria e infantaria. Esses destacamentos tinham por tarefa agir na retaguarda profunda do inimigo. Essa organização foi posta à prova nas ações contra os corpos expedicionários austro-alemães e os bandos do *hetman* (chefe cossaco) Skoropadsky, durante o fim do verão e o outono de 1918.

Apegando-se a essa forma de defesa da revolução, os trabalhadores ucranianos conseguiram arrancar, das mãos dos contra-revolucionários,

o laço de força que ameaçava a revolução na Ucrânia. Além disso, não se contentando com a defesa da revolução, aprofundaram-na tanto quanto foi possível. Cabe assinalar que, nesse momento, os bolcheviques não dispunham de qualquer força militar na Ucrânia. Suas primeiras unidades combatentes só vieram da Rússia bem mais tarde; logo ocuparam uma frente paralela à nossa, esforçando-se na aparência para se unir aos trabalhadores ucranianos, organizados de maneira autônoma e sobretudo livres de seu controle estatal, mas de fato os bolcheviques se ocuparam, dissimuladamente, de sua decomposição e desaparecimento em seu (dos bolcheviques) benefício.

Para atingir esse objetivo, os bolcheviques não desdenharam nenhum meio, chegando à sabotagem direta do apoio que haviam se comprometido a fornecer sob a forma de munições e de obus; isso, no exato momento em que nós desenvolvíamos, sobre toda a nossa frente, uma grande ofensiva, cujo sucesso dependia sobretudo da potência de fogo de nossa artilharia e de nossas metralhadoras, e quando era grande nossa escassez de munições. Na medida em que se desenvolvia no país, a contra-revolução interior recebia a ajuda de outros países, não somente em armas e munições, mas também em soldados. Apesar disso, nossa organização da defesa da revolução também cresceu e adotou, simultaneamente e em função das necessidades, uma nova forma e os meios mais apropriados para a luta.

Sabe-se que a frente contra-revolucionária mais perigosa da época foi constituída pelo exército do general Denikin. No entanto, o movimento insurrecional conseguiu barrá-lo durante cinco ou seis meses. Muitos dos melhores comandantes denikinianos quebraram o pescoço enfrentando nossas unidades equipadas unicamente com armas tomadas ao inimigo. Nossa organização contribuiu grandemente para isso: sem usurpar a autonomia das unidades combatentes, reorganiza-as em regimentos e brigadas, coordenadas por um estado-maior operacional comum.

É verdade que a criação desse estado-maior só aconteceu graças à tomada de consciência, pelas massas trabalhadoras revolucionárias, que combatiam tanto na frente quanto na retaguarda, da necessidade de um comando militar único. Ou seja, sempre influenciadas pelo nosso

grupo comunista libertário camponês de Gulai-Polé, os trabalhadores se preocuparam também com a determinação de direitos iguais para cada indivíduo, na participação da nova edificação social, em todos os domínios e inclusive a obrigação de defender essas conquistas.

Assim, enquanto a frente denikiniana ameaçava de morte a revolução libertária, acompanhados com um vivo interesse pela população, os trabalhadores revolucionários se uniram à base de nossa concepção organizacional da defesa da revolução, fazendo-a sua e reforçando o exército insurrecional pelo fluxo regular de novos combatentes, que substituíam os feridos ou esgotados.

Ademais, as exigências práticas da luta impunham que, no interior de nosso movimento, fosse criado um estado-maior operacional e organizacional de controle comum para todas as unidades combatentes.

Na continuidade dessa prática, não posso aceitar o pensamento de que os anarquistas revolucionários rechaçam a necessidade de um tal estado-maior para orientar estrategicamente a luta armada revolucionária. Estou convencido de que todo anarquista revolucionário que se encontrar em condições idênticas às que conheci durante a guerra civil na Ucrânia será obrigado a agir como nós agimos. Se, no decorrer da próxima revolução social autêntica, houver anarquistas que neguem esses princípios organizacionais, eles serão no interior de nosso movimento meros tagarelas ou, ainda, elementos frenadores e nocivos, que não tardarão a ser rejeitados.

Dedicando-se a resolver o problema da defesa da revolução, os anarquistas devem se incumbir do caráter social do comunismo libertário. Diante de um movimento revolucionário de massas, devemos reconhecer a necessidade de organizá-lo e de fornecer-lhe os meios dignos. Portanto, engajarmo-nos totalmente nele. Caso contrário, se nós lhes parecemos sonhadores e utópicos, então não deveremos dificultar a luta dos trabalhadores, em particular dos que seguem os socialistas-estatistas.

Sem dúvida, o anarquismo foi e continua sendo um movimento social revolucionário, eis porque sou e serei sempre um partidário de sua organização bem estruturada e da criação, no momento da revolução, de batalhões, regimentos, brigadas e divisões, tendendo a se fundir, em

certas circunstâncias, num exército comum, sob um comando regional único, sob a forma de estados-maiores organizacionais de controle.

Estes se encarregarão, segundo as necessidades e as condições da luta, de elaborar um plano operacional federativo, coordenando as ações dos exércitos regionais, com o objetivo de levar à vitória os combates em todas as frentes, esmagando a contra-revolução armada. A defesa da revolução não é uma tarefa das mais fáceis; ela pode exigir das massas revolucionárias um imenso esforço organizativo.

Os anarquistas devem saber disso e estar prontos para ajudá-las nessa tarefa.

Dielo Trouda, nº 25, junho de 1927.

UM PROJETO DE ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA
ERRICO MALATESTA

Recentemente, li um panfleto francês intitulado '*Plataforma de Organização da União Geral dos Anarquistas (Projeto)*', que me chegou às mãos por acaso. Sabe-se que, hoje, na Itália, os escritos não-fascistas não podem circular livremente.

É um projeto de organização anarquista, publicado sob o nome de um 'Grupo de Anarquistas Russos no Exterior', e parece-me ser particularmente dirigido aos companheiros russos. Porém, trata de questões de igual interesse para todos os anarquistas, e, é claro, por ser escrito em francês, busca a adesão de companheiros de todos os países. De qualquer forma, é válido examiná-lo, tanto para os russos como para os demais, se a proposta está de acordo com os princípios anarquistas e se sua realização servir verdadeiramente à causa do anarquismo. Os motivos dos companheiros são excelentes. Eles lamentam o fato de que até agora os anarquistas não tiveram influência nos eventos políticos e sociais em proporção aos valores teóricos e práticos de sua doutrina, tampouco em seu número, sua coragem e seu espírito de sacrifício; e acreditam que a razão principal desse relativo fracasso é a falta de uma organização grande, séria e ativa.

Até aqui, em princípio, estou de acordo. A organização nada mais é do que cooperação e solidariedade na prática, uma condição natural e necessária para a vida social. É um fato inevitável, que se impõe a todos, numa sociedade humana em geral ou em qualquer grupo de pessoas unidas por um objetivo comum. Os seres humanos não podem viver isolados, na verdade não podem sequer tornar-se verdadeiros seres humanos e satisfazer suas necessidades morais e materiais a não ser como parte da sociedade e com a cooperação de seus semelhantes. É, pois, inevitável que todos aqueles que não se organizam livremente, seja por que não podem ou porque não o consideram necessário, devem submeter-se à organização estabelecida por outros, que geralmente formam uma classe ou um grupo dirigente, cuja finalidade é oprimi-los e explorá-los.

A milenar opressão das massas por um número pequeno de privilegiados

tem sempre sido o resultado da incapacidade, da maioria dos indivíduos, em chegar a um acordo e se organizar com base na comunidade de interesses e de sentimentos com os outros trabalhadores, para produzir, para consumir e, eventualmente, defender-se contra aqueles que procuram explorá-los e oprimi-los. O anarquismo quer resolver esse estado de coisas com seu princípio básico de organização livre, fundada e gerada mediante o livre acordo de seus membros, sem qualquer espécie de autoridade; ou seja, sem que ninguém tenha o direito de impor sua vontade. É, pois, óbvio que os anarquistas procurem aplicar em sua vida privada e sua vida política esse mesmo princípio sobre o qual acreditam que toda a sociedade humana deveria se basear.

A julgar por certas polêmicas, parece que existem anarquistas que rejeitam qualquer forma de organização. Mas, de fato, as inumeráveis discussões sobre este assunto, mesmo quando são obscurecidas por questões de linguagem ou envenenadas por questões pessoais, referem-se às formas e não ao princípio de organização. Tanto é assim, que mesmo aqueles companheiros mais hostis à organização, quando querem realmente fazer alguma coisa, organizam-se como os demais e até de maneira mais efetiva. Tudo não passa de uma questão de aplicação.

Portanto, eu apenas posso observar com simpatia a iniciativa dos companheiros russos, por estar convencido de que uma organização mais geral, mais unida, mais duradoura do que qualquer outra até aqui organizada pelos anarquistas - mesmo se ela não conseguiu abolir todos os erros e deficiências que são talvez inevitáveis num movimento como o nosso, que avança no meio da incompreensão, indiferença e mesmo a hostilidade da maioria - seria inegavelmente um elemento importante de força e de sucesso, um poderoso meio para fazer valer nossas idéias.

Eu acredito sobretudo que é necessário e urgente que os anarquistas se organizem para influenciar o rumo que seguem as massas na sua luta pelas reformas e pela emancipação. Hoje, a maior força de transformação social é o movimento operário (movimento sindical) e de sua direção depende, em grande parte, o curso que tomarão os eventos e o objetivo da próxima revolução. Nas organizações que cria para a defesa de seus interesses, os trabalhadores adquirem a consciência da exploração que sofrem e do antagonismo que os separam dos patrões, começam a desejar uma vida melhor, acostumam-se à uma luta coletiva e à solidariedade e conquistam as melhorias compatíveis com o regime capitalista e estatal. Em seguida, virá a revolução ou a contra-revolução. Os anarquistas devem reconhecer a utilidade e a importância do movimento sindical; apoiar seu desenvolvimento e fazer dele uma das alavancas de sua ação, esforçando-

se para que o sindicalismo coopere com as outras forças progressistas na revolução social que suprime as classes, realiza a liberdade, a igualdade, a paz e a solidariedade. Mas seria uma funesta ilusão acreditar, como muitos o fazem, que o movimento operário levará, por si mesmo, em virtude de sua natureza, à revolução. Pelo contrário, todos os movimentos baseados em interesses materiais e imediatos (e um vasto movimento operário não pode ter outras bases) carecem do estímulo, do impulso, da ação conjunta de pessoas que lutam e se sacrificam por um ideal a realizar. Sem essa alavanca, todo movimento tende fatalmente a se adaptar às circunstâncias, engendrando um espírito conservador e o temor das mudanças naqueles que conseguirem melhores condições. Frequentemente, surgem novas classes privilegiadas que se esforçam para apoiar e consolidar o estado de coisas que nós queremos destruir.

Disso decorre a urgente necessidade de organizações especificamente anarquistas que, dentro e fora dos sindicatos, lutem pela integral realização do anarquismo e procurem esterilizar todos os germes de corrupção e reação. Mas é óbvio que para atingir seus fins, as organizações anarquistas devem, em sua constituição e funcionamento, manter-se em harmonia com os princípios da anarquia. É necessário que não estejam sequer minimamente impregnadas do espírito autoritário, que saibam conciliar a ação livre dos indivíduos com a necessidade e o prazer da cooperação, que desenvolvam a consciência e a iniciativa de seus membros sejam um ativo instrumento educativo no ambiente em que agem, e de uma preparação moral e material para o futuro que desejamos.

O projeto em questão satisfaz essas exigências? Creio que não. Ao invés de estimular nos anarquistas um maior desejo por organização, parece deliberadamente reforçar o preconceito de muitos companheiros que acreditam que organizar-se significa submeter-se a chefes, aderir a um organismo autoritário e centralizador, que sufoca toda livre iniciativa. E, de fato, o projeto contém precisamente essas propostas que alguns, contra a evidência e apesar de nosso protestos, insistem em atribuir a todos os anarquistas qualificados de organizadores.

Examinemos esse projeto. Antes de tudo, parece-me uma idéia falsa (em todo caso, irrealizável) a de reunir todos os anarquistas numa "União Geral" - isto é, como diz o Projeto, uma só coletividade revolucionária ativa.

Nós, anarquistas, podemos dizer que somos todos do mesmo partido, se pela palavra "partido" entendermos o conjunto dos que estão do mesmo lado, que têm as mesmas aspirações gerais, que de uma maneira ou de outra lutam pelo mesmo fim contra adversários e inimigos comuns. Mas isso não

significa que seja possível - ou mesmo desejável - estarmos todos reunidos numa só e mesma associação determinada.

Os ambientes e condições de luta diferem muito; os modos possíveis de ação entre os quais se dividem as preferências, a diversidade de temperamentos e as incompatibilidades pessoais para que uma União Geral, mesmo aceita seriamente, não se torne um obstáculo para as atividades individuais, ao invés de um meio para coordenar e totalizar os esforços de todos.

Como, por exemplo, organizar da mesma forma e com o mesmo pessoal uma associação pública para a propaganda e agitação entre as massas, e uma sociedade secreta, forçada pelas condições políticas em que atua, a esconder do inimigo seus planos, métodos e militantes? Como poderiam os educacionistas, que acreditam que a propaganda e o exemplo bastam para a transformação gradual de indivíduos e portanto da sociedade, adotar as mesmas táticas que os insurrecionalistas, convencidos da necessidade de destruir pela violência um estado de coisas que é mantido pela violência, e de criar, contra a violência dos opressores, as condições necessárias para o livre exercício da propaganda e a aplicação prática dos ideais? E como manter juntas pessoas que, por motivos particulares, não se entendem e, no entanto, podem igualmente ser militantes úteis para o anarquismo?

Além disso, os autores do Projeto declaram “inepta” a idéia de criar uma organização reunindo todos os representantes das diversas tendências do anarquismo. Tal organização, eles dizem, “incorporando elementos teórica e praticamente heterogêneos, não seria mais do que um ajuntamento mecânico de indivíduos que têm concepções diferentes sobre todas as questões relativas ao movimento anarquista; esse ajuntamento se desagregaria tão logo eles fossem testados pelos fatos e pela vida real”.

Muito bem! Mas então, se reconhecem a existência de anarquistas de outras tendências, eles deverão deixar-lhes o direito de se organizar como quiserem e de trabalhar pela anarquia da maneira que julgarem melhor. Ou pretenderão excluir do anarquismo, excomungar todos os que não aceitam seu programa? Eles dizem que querem “reunir numa só organização” todos os elementos sadios do movimento libertário. Naturalmente, eles tendem a julgar sadios apenas os que pensam como eles. Então, que farão com os elementos que não são sadios?

Certamente, entre aqueles que se dizem anarquistas existem, como em toda coletividade humana, elementos de diferentes valores. E, o que é pior, existem alguns que, em nome do anarquismo, difundem idéias que muito pouco tem a ver com ele. Mas como evitar isso? “A verdade anarquista” não pode e

não deve depender das decisões das maiorias reais ou fictícias. Somente é necessário - e suficiente - que todos tenham e exerçam o mais amplo direito de livre crítica e que cada um possa manter suas próprias idéias e escolher seus próprios companheiros. Em última instância, os fatos decidirão quem está certo.

Abandonemos, portanto, a idéia de reunir todos numa única organização, consideremos essa União Geral que os russos nos propõem como o que realmente será: a união de um grupo de anarquistas, e veremos se o modelo organizacional proposto se adapta aos métodos e princípios anarquistas e se ele pode ajudar para o triunfo do anarquismo. Mais uma vez, parece-me que não. Não estou pondo em dúvida o sincero anarquismo dos companheiros russos. Eles querem realizar o comunismo anarquista e procuram fazê-lo o mais rápido possível. Mas não basta apenas querer, é necessário utilizar os meios convenientes; assim, para ir a um determinado lugar deve-se tomar o caminho certo. Ora, sendo a organização proposta tipicamente autoritária, não só não facilitará a vitória do comunismo anarquista, como falsificará o espírito anarquista e resultará no contrário do que esperam seus organizadores.

Efetivamente, essa União Geral consistirá de tantas organizações parciais que serão necessários secretariados para dirigir ideologicamente as tarefas políticas e técnicas, um comitê executivo que encaminhe as decisões tomadas pela União e “dirija” a ideologia e a organização dos grupos em conformidade com a estratégia geral da União.

Isto é anarquismo? Na minha opinião, isto é um governo e uma igreja. É verdade que não há polícia nem baionetas, nem o fiel rebanho disposto a aceitar a ideologia imposta. Mas isso significa apenas que tal governo seria impotente e impossível, e que tal igreja seria uma fonte de hereses e cisões. O espírito e a tendência permanecendo autoritários, o efeito educativo será anti-anarquista.

Vejam: “O órgão executivo do movimento libertário geral - a União Anarquista - adota o princípio da responsabilidade coletiva; toda a União será responsável pela atividade revolucionária e política de cada membro; e cada membro será responsável pela atividade revolucionária e política da União.” E, depois desta absoluta negação de toda independência individual, de toda liberdade de iniciativa e de ação, seus porta-vozes, lembrando-se de que são anarquistas, autodenominam-se federalistas e bradam contra a centralização, cujos resultados inevitáveis, dizem eles, “são a escravização e a mecanização da vida da sociedade e dos partidos.”

Mas se a União é responsável pelo que cada membro faz, como pode deixar, a cada membro em particular e aos vários grupos, a liberdade de aplicar o programa comum da maneira que julgarem a melhor? Como alguém pode

ser responsável por uma ação que não pode impedi-la? Portanto, a União e, em seu nome, o comitê executivo têm de monitorar todos os membros individuais e ordenar-lhes o que fazer e não fazer. E como a desaprovação depois do fato não atenua a responsabilidade previamente aceita, ninguém poderá fazer qualquer coisa antes de ter obtido a permissão do comitê. Por outro lado, quem assumiria a responsabilidade pelas ações de uma coletividade sem saber o que ela fará e como impedi-la de fazer o que ele desaprova?

Além disso, os autores do Projeto dizem que é a União que propõe e dispõe. Mas, quando se referem à vontade da União, eles se referem também à vontade de todos os membros? Se sim, para a União funcionar seria necessário que todos os membros sempre tivessem a mesma opinião sobre todas as questões. Ora, é normal que todos estejam de acordo com os princípios gerais e fundamentais, sem o que não estariam e permaneceriam unidos, mas isso não permite supor que seres pensantes terão sempre a mesma opinião sobre o que precisa ser feito em diferentes circunstâncias e quanto à escolha de pessoas responsáveis pelas tarefas de dirigir e executar.

Na realidade, como resulta do próprio texto do Projeto, pela vontade da União entende-se apenas a vontade da maioria, expressa através de congressos que nomeiam e controlam o comitê executivo e decidem sobre todas as questões importantes. Os congressos seriam compostos por representantes eleitos pela maioria dos membros em cada grupo, e esses representantes decidiriam o que fazer, sempre por maioria de votos. Então, no melhor dos casos, as decisões seriam tomadas pela maioria da maioria, e isso poderia facilmente, em particular quando as opiniões opostas são mais do que duas, representar apenas uma minoria.

Aliás, isso poderia indicar que, nas condições em que os anarquistas vivem e lutam, seus congressos são ainda menos representativos do que os parlamentos burgueses. E seu controle sobre os órgãos executivos, se estes possuem poderes autoritários, raramente é oportuno e eficaz. Na prática, os congressos anarquistas são assistidos por aqueles que desejam e podem, que possuem dinheiro suficiente e não estão impedidos por medidas policiais. Entre os presentes, há os que representam apenas a si próprios ou um número pequeno de amigos, como aqueles que representam as opiniões e desejos de um numeroso coletivo. Apesar das precauções tomadas contra os traidores e espiões – e também por causa dessas precauções – é impossível fazer uma verificação séria dos representantes e do valor de seus mandatos.

De toda maneira, estamos em pleno sistema majoritário, em pleno parlamentarismo. Sabe-se que os anarquistas não aceitam o governo da maioria

(democracia), nem o governo de poucos (aristocracia, oligarquia, ditadura de classe ou de partido), tampouco o de um indivíduo (autocracia, monarquia ou ditadura pessoal).

Os anarquistas criticaram milhares de vezes o governo dito da maioria, que na prática sempre leva à dominação de uma pequena maioria. Precisamos repetir tudo isso para nossos companheiros russos?

Alguns anarquistas reconhecem que, na vida em comum, é necessário que a minoria acate a opinião da maioria. Quando há evidente necessidade ou utilidade de fazer uma coisa e isso requer a concordância de todos, a minoria deve respeitar a vontade da maioria. Usualmente, no interesse da convivência pacífica e sob condições de igualdade, é necessário que todos estejam animados por um espírito de concórdia, tolerância e compromisso. Mas tal adaptação deve ser recíproca, voluntária e derivar da consciência da necessidade de não paralisar a vida social por mera teimosia. É um ideal que, talvez, na prática diária da vida social, será difícil de realizar totalmente. Mas um grupo humano está tanto mais próximo da anarquia quanto mais livre e espontâneo é o acordo, imposto somente pela natureza das coisas, entre minoria e maioria. Portanto, se os anarquistas negam à maioria o direito de governar na sociedade humana em geral – onde os indivíduos estão obrigados a aceitar certas restrições, porque não podem se isolar sem renunciar às condições da vida humana – e se querem que tudo seja feito pelo livre acordo entre todos, como poderiam aceitar o governo da maioria em suas associações essencialmente livres e voluntárias e declarar que se submeterão às decisões da maioria antes mesmo de saber quais serão?

Que a anarquia, organização livre e sem o domínio da maioria sobre a minoria, e vice-versa, seja qualificada, pelos que não são anarquistas, de utopia irrealizável ou realizável apenas num futuro distante, é compreensível. Mas é inconcebível que os mesmos que professam idéias anarquistas e querem realizar a anarquia, ou no mínimo antecipar sua realização – hoje, em vez de amanhã – reneguem os princípios básicos do anarquismo na organização com a qual se propõem a lutar pela sua vitória.

Uma organização anarquista deve, penso eu, ser fundada em bases muito diferentes das propostas pelos companheiros russos. Total autonomia, total independência e, portanto, total responsabilidade de indivíduos e grupos; livre acordo entre os que acreditam ser útil unirem-se para cooperar na obra comum; dever moral de manter os compromissos assumidos e de nada fazer em contradição com o programa aceito. Sobre estas bases, adotem-se as formas práticas, os instrumentos aptos para dar vida à organização: grupos, federações,

encontros, congressos, comitês de correspondência etc. Mas tudo isso deve ser feito livremente, de forma que o pensamento e a iniciativa dos indivíduos não sejam obstruídos, e apenas para dar maior eficácia às tentativas que, isoladas, seriam impossíveis ou inoperantes.

Assim, os congressos, numa organização anarquista, mesmo sofrendo enquanto corpos representativos, de todas as imperfeições já mencionadas, estão isentos de todo autoritarismo, porque eles não fazem a lei; não impõem suas resoluções aos outros. Servem para manter e ampliar as relações pessoais entre os companheiros mais ativos, para resumir e incentivar o estudo de programas e meios de ação; para informar sobre a situação das várias regiões e a ação mais urgente em cada uma delas; para formular as diversas opiniões correntes entre os anarquistas e fazer uma espécie de estatística delas, e suas decisões não são regras obrigatórias mas sugestões, recomendações, propostas que serão submetidas a todos os interessados, não devem ser obrigatórias exceto para aqueles que as aceitarem e enquanto as aceitarem. Os órgãos administrativos que nomeiam - comissão de correspondência etc. - não têm poder de direção, não tomam iniciativas a não ser em nome daqueles que pedem e aprovam tais iniciativas, e não têm autoridade para impor suas próprias visões, que podem certamente manter e propagar enquanto grupos de companheiros, mas não podem apresentar como opinião oficial da organização. Publicam as resoluções dos congressos, as opiniões e propostas que os grupos e indivíduos lhes comunicaram; facilitam as relações entre os grupos e a cooperação entre aqueles que concordam com as várias iniciativas, deixando a cada um a liberdade para se corresponder com quem quiser ou usar os serviços de outros comitês nomeados pelos agrupamentos específicos. Numa organização anarquista, os membros individuais podem expressar qualquer opinião e usar qualquer tática que não esteja em contradição com os princípios aceitos e não impeça a atividade dos outros. Em todo caso, uma organização permanecerá enquanto os motivos para a união forem mais fortes do que os motivos para a separação. Senão, a organização se dissolve e é substituída por grupos mais homogêneos. Da duração, da permanência da organização depende o sucesso obtido na longa luta que devemos sustentar. Por outro lado, toda instituição pretende durar indefinidamente. Mas a duração de uma organização libertária deve ser consequência da afinidade espiritual de seus membros e das possibilidades de adaptação de sua constituição às contínuas mudanças das circunstâncias. Quando deixar de ser capaz de efetuar uma tarefa útil, é melhor que ela morra.

Os companheiros russos pensam, talvez, que tal organização, como eu

concebo e tem sido realizada, mais ou menos satisfatoriamente, em várias épocas, não é muito eficiente. Eu compreendo. Esses companheiros estão obcecados pelo sucesso dos bolcheviques em seu país; como os bolcheviques, gostariam de reunir os anarquistas numa espécie de exército disciplinado que, sob a direção ideológica e prática de alguns chefes, marcharia compacto para o ataque dos regimes existentes, e que, alcançada a vitória material, dirigiria a construção da nova sociedade. E, talvez, com tal sistema, admitindo-se que os anarquistas se adaptassem a ele e se os líderes fossem homens geniais, nossa força material seria maior. Mas quais seriam os resultados? O que seria do socialismo e do comunismo na Rússia, se não fosse o anarquismo? Esses companheiros estão ansiosos pelo sucesso, nós também. Mas, para viver e vencer, não precisamos abandonar as razões de nossa vida e deformar o caráter da vitória eventual. Nós queremos lutar e vencer, mas como anarquistas e para a anarquia.

Il Risveglio (Genova), outubro de 1927.

RESPOSTA A "UM PROJETO DE ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA"
NESTOR MAKHNO

Caro companheiro Malatesta:

Li sua resposta ao projeto intitulado "*Plataforma Organização de uma União Geral de Anarquistas*", publicado pelo Grupo de Anarquistas Russos no Exterior. Minha impressão é que você não compreendeu o projeto pela 'Plataforma'. Ou, então, sua recusa em reconhecer a responsabilidade coletiva na ação revolucionária e a função dirigente que os anarquistas devem assumir decorre de uma profunda convicção sobre o anarquismo que o leva a desconsiderar aquele princípio de responsabilidade.

Todavia, há um princípio fundamental que orienta nossa compreensão da idéia anarquista e nossa determinação de que ela deve penetrar nas massas, com seu espírito de sacrifício. É graças a ele que um homem pode escolher o caminho revolucionário, ignorando os outros. Sem isso, nenhum revolucionário teria a força, a vontade e a inteligência necessárias para aguentar o espetáculo da miséria social e tampouco lutaria contra isso. É com a inspiração da responsabilidade coletiva que os revolucionários de todas as épocas e tendências têm unido suas forças; é nela que eles baseiam suas esperanças de que as revoltas parciais, que abrem o caminho para os oprimidos, não foram em vão, de que os explorados entenderam suas aspirações, extrairiam delas as lições adequadas para a época e as usariam para abrir novos caminhos para sua emancipação.

Você mesmo, caro Malatesta, admite a responsabilidade individual do revolucionário anarquista. E mais, você a apoiou em toda sua vida como militante. Pelo menos, foi assim que eu entendi seus escritos sobre o anarquismo. Mas você nega a necessidade e utilidade da responsabilidade coletiva, embora reconheça as tendências e ações do movimento anarquista como um todo. A responsabilidade coletiva o assusta; então, você a rejeita.

Mesmo tendo adquirido o hábito de encarar frontalmente as realidades de nosso movimento, admito que sua rejeição da responsabilidade coletiva me desorienta, não apenas pela falta de bases mas por ser perigosa para a revolução social, cuja experiência você deveria levar em conta, quando se tornar necessária

uma luta decisiva contra todos os nossos inimigos de uma só vez. Então, minha experiência das batalhas revolucionárias do passado me leva a acreditar que, não importa qual seja a sucessão dos eventos revolucionários, alguém precisa assumir a direção ideológica e dar as ordens táticas. Isto significa que apenas um espírito coletivo, sadio e devotado ao anarquismo pode atender às exigências do momento, expressando uma vontade coletivamente responsável. Nenhum de nós tem o direito de escamotear tal responsabilidade. Pelo contrário, se foi até agora ignorada, nas fileiras anarquistas, precisa se tornar já, para nós, anarquistas comunistas, um artigo de nosso programa teórico e prático.

Apenas o espírito coletivo e a responsabilidade coletiva de seus militantes permitirão ao anarquismo moderno eliminar de seus círculos a idéia, historicamente falsa, de que o anarquismo não pode ser um guia – seja ideologicamente, seja na prática – para a massa trabalhadora num período revolucionário, e portanto não poderia exigir a responsabilidade total.

Não irei, nesta carta, alongar-me sobre as outras partes de seu artigo contra o projeto de Plataforma, no qual você vê ‘uma igreja e uma autoridade sem polícia’. Expressarei apenas minha surpresa por vê-lo usar tal argumento no curso de sua crítica. Tenho pensado muito a respeito e não posso aceitar sua opinião. Não, você não está certo. E porque não estou de acordo com sua resposta, usando argumentos demasiado levianos, acredito que tenho o direito de lhe perguntar:

1. O anarquismo deve assumir alguma responsabilidade na luta dos trabalhadores contra seus opressores, o capitalismo, e o Estado? Se não, você pode dizer por quê? Se sim, devem os anarquistas agir para que seu movimento exerça influência nas mesmas bases que a ordem social existente?
2. Pode o anarquismo, no estado atual de desorganização em que se encontra, exercer qualquer influência, ideológica ou prática, em assuntos sociais e na luta da classe operária?
3. Quais são os meios que o anarquismo deve adotar fora da revolução e quais são os meios que ele pode utilizar para provar e afirmar seus conceitos construtivos?
4. O anarquismo precisa de organizações permanentes, intimamente ligadas entre si pela unidade de objetivos e de ação para alcançá-los?

5. O que querem os anarquistas dizer com ‘instituições para serem estabelecidas’, numa visão que garanta o livre desenvolvimento da sociedade?

6. Pode o anarquismo, na sociedade comunista que concebe, passar sem instituições sociais? Se sim, como? Se não, quais deveriam reconhecer e usar, e com que nomes levá-las a existir? Devem os anarquistas assumir uma função de liderança e, portanto, de responsabilidade, ou devem se limitar a ser auxiliares irresponsáveis?

Sua resposta, caro Malatesta, é de grande importância para mim por dois motivos. Permitirá que eu compreenda melhor sua maneira de ver as questões pertinentes à organização das forças anarquistas e ao movimento em geral. E, sejamos francos, sua opinião é aceita imediatamente pela maioria dos anarquistas e simpatizantes, sem discussão, como a de um militante experiente que tem, ao longo de toda sua vida, permanecido firme em sua fidelidade ao ideal libertário. Portanto, dependerá em certa medida de sua atitude, seja um amplo estudo das urgentes questões que esta época propõe ao nosso movimento, seja uma desaceleração ou um novo salto adiante. Permanecendo na estagnação do passado e do presente, nosso movimento não ganhará nada. Pelo contrário, é vital que, na visão dos eventos que surgem diante de nós, ele deva ter toda chance de cumprir suas funções.

Eu dou muita importância a sua resposta.

Saudações Revolucionárias.

Nestor Makhno

O VELHO E O NOVO NO ANARQUISMO
(RESPOSTA AO COMPANHEIRO MALATESTA)
PIOTR ARCHINOV

No órgão anarquista *Le Reveil* de Geneva, na forma de um panfleto, o companheiro Errico Malatesta publicou um artigo crítico sobre o projeto da Plataforma Organizacional editado pelo Grupo de Anarquistas Russos no Exterior. Esse artigo provocou-nos perplexidade e pesar. Acreditávamos muito, e continuamos acreditando, que a idéia do anarquismo organizado encontraria uma resistência obstinada entre os partidários do caos, tão numerosos no meio anarquista, pois essa idéia obriga todos os anarquistas que participam do movimento a serem responsáveis e a terem uma postura com as noções de dever e constância. Até agora, o princípio favorito no qual se baseia a educação da maioria dos anarquistas pode ser explicado pelo seguinte axioma: “Faço o que quero, não presto contas de nada”. É muito natural que anarquistas dessa espécie, impregnados por tais princípios, sejam violentamente hostis a todas as idéias do anarquismo organizado e da responsabilidade coletiva.

O companheiro Malatesta é alheio a esse princípio, e é por essa razão que seu texto nos provoca tal reação. Perplexidade, pois ele é um veterano do anarquismo internacional e, se ele não compreendeu o espírito da Plataforma, seu caráter vital e sua topicalidade, que deriva das necessidades de nossa época revolucionária. Pesar, pois, para ser fiel ao dogma inerente no culto da individualidade, ele se pôs contra (desejamos que apenas temporariamente) o trabalho que aparece como um estágio indispensável na extensão e no desenvolvimento externo do movimento anarquista.

Bem no início de seu artigo, Malatesta diz que compartilha um número de teses da Plataforma ou mesmo as apoiadas pelas idéias que expõe. Ele concordaria em notar que os anarquistas não influenciaram e continuam não influenciando eventos políticos e sociais, em virtude da falta de organização ativa e séria.

Os princípios levantados pelo companheiro Malatesta correspondem às posições principais da Plataforma. Esperávamos que ele teria igualmente examinado, entendido e aceito vários dos outros princípios desenvolvidos em

nosso projeto, pois há um vínculo de coerência e lógica entre todas as teses da Plataforma. Entretanto, Malatesta prossegue explicando de uma maneira incisiva sua diferença de opinião com relação à Plataforma. Ele pergunta se a União Geral dos Anarquistas projetada pela Plataforma pode resolver o problema da educação das massas trabalhadoras. Ele responde que não. Apresenta como razão o caráter autoritário fingido da União, que, de acordo com ele, desenvolveria a idéia de submissão a diretores e líderes.

Em que fundamentos tão séria acusação se baseia? É na idéia de responsabilidade coletiva, recomendada pela Plataforma, que ele enxerga a principal razão para formular tal acusação. Ele não pode admitir o princípio de que toda a União seria responsável por cada membro e de que, inversamente, cada membro seria responsável pela linha política de toda a União. Isso significa que Malatesta não precisamente aceita o princípio de organização que nos parece ser o mais essencial, para que o movimento anarquista possa continuar a se desenvolver.

Em lugar algum, até aqui, o movimento anarquista atingiu o estágio de um movimento popular organizado como tal. De modo algum essa causa reside em condições objetivas, como, por exemplo, devido ao fato de as massas trabalhadoras não entenderem o anarquismo ou por não estarem interessadas nele fora de períodos revolucionários; não, a causa de fraqueza do movimento anarquista reside essencialmente nos próprios anarquistas. Eles ainda não tentaram conduzir de modo organizado a propaganda de suas idéias ou mesmo sua atividade prática entre as massas trabalhadoras.

Se tal fato parece estranho ao companheiro Malatesta, afirmamos veementemente que a atividade da maioria dos anarquistas em atividade — onde ele se inclui, assume por necessidade, um caráter individualista, mesmo que essa atividade seja distinguida por uma responsabilidade altamente pessoal, ela tem a ver somente com o individual, e não com uma organização. No passado, quando nosso movimento acabara de nascer como um movimento nacional ou internacional, não poderia ser de outro modo; as primeiras pedras do movimento anarquista de massa tiveram de ser assentadas; um apelo teve de ser lançado às massas trabalhadoras para convidá-las a se engajarem no modo anarquista de luta.

Isso foi necessário, mesmo que fosse somente o trabalho de indivíduos isolados com meios limitados. Esses militantes do anarquismo cumpriram sua missão; atraíram os mais ativos trabalhadores para as idéias anarquistas. Entretanto, isso foi apenas parte do trabalho. No momento em que o número de anarquistas vindos das massas trabalhadoras cresceu consideravelmente,

tornou-se impossível restringir alguém de conduzir uma propaganda e práticas isoladas, individualmente ou em grupos dispersos. Continuar isso seria como andar e não sair do lugar. Temos de ir além para não sermos deixados para trás. A decadência geral do movimento anarquista é explicada exatamente assim: damos o primeiro passo sem ir mais além.

O segundo passo consistia e ainda consiste no agrupamento de anarquistas, oriundos das massas trabalhadoras, em um coletivo ativo e capaz de conduzir a luta organizada dos trabalhadores com o objetivo de realizar idéias anarquistas.

A pergunta para os anarquistas de todos os países é a seguinte: nosso movimento pode contentar-se em subsistir na base de velhas formas de organização, de grupos locais que não têm vínculo orgânico entre eles, cada um agindo de seu lado de acordo com sua ideologia particular e com sua prática particular? Ou, apenas suponha, nosso movimento deve ter recursos para novas formas de organização que irão ajudá-lo a se desenvolver e a arraigá-lo entre uma vasta massa de trabalhadores?

A experiência dos últimos 20 anos, e mais particularmente a de duas Revoluções Russas — 1905 e 1917-19 — sugere a resposta para essa pergunta melhor que todas as “considerações teóricas”.

Durante a Revolução Russa, as massas trabalhadoras estavam próximas das idéias anarquistas; apesar disso o anarquismo, como um movimento organizado sofreu um completo retrocesso desde o início da revolução, estávamos nas mais avançadas posições da luta, desde o início da fase construtiva nos achávamos irremediavelmente distantes da chamada fase construtiva, e conseqüentemente fora das massas. Não era puro acaso: tal atitude inevitavelmente provinha de nossa própria impotência, tanto de um ponto de vista organizacional quanto de nossa confusão ideológica.

Esse retrocesso foi causado pelo fato de que, ao longo da revolução, os anarquistas não sabiam como transmitir a importância de seu programa político e social e abordavam as massas somente com uma propaganda fragmentada e contraditória; não tínhamos uma organização estável. Nosso movimento era representado pelas organizações casuais, surgindo aqui e ali, não buscando o que queriam de maneira firme e que mais freqüentemente esvaecia ao fim de um curto período de tempo sem deixar traços. Seria desesperadamente ingênuo e tolo acreditar que os trabalhadores poderiam apoiar essas organizações e delas participar a partir do momento da luta social e da construção comunista.

Adquirimos o hábito de atribuir a derrota do movimento anarquista de 1917-19 na Rússia à repressão estatal do Partido Bolchevique, o que é um

grande engano. A repressão bolchevique impediu que o movimento anarquista se expandisse durante a revolução, mas ela não foi o único obstáculo. A impotência interna do movimento em si foi uma das principais causas dessa derrota, uma impotência procedente da vagarosidade e da indecisão que caracterizavam diferentes afirmações políticas relacionadas a organização e táticas.

O anarquismo não tinha opinião firme e concreta sobre os problemas essenciais da revolução social; uma opinião indispensável para satisfazer a procura das massas que criaram a revolução. Os anarquistas exaltam o princípio comunista que diz “a cada um segundo suas habilidades, a cada um segundo suas necessidades”, mas nunca se preocuparam em aplicar esse princípio à realidade, embora possuíssem certos elementos duvidosos para transformar esse grande princípio em uma caricatura do anarquismo – lembre-se de quantos vigaristas se beneficiaram apoderando-se dos bens da coletividade e juntando-os aos seus lucros pessoais.

Os anarquistas falavam muito sobre a atividade revolucionária dos trabalhadores, mas eles não podiam ajudá-los, mesmo que indicassem aproximadamente as formas que essa atividade devesse ter; eles não sabiam como separar as relações recíprocas entre as massas e seu centro de inspiração ideológica. Eles empurravam os trabalhadores para livrar-se do jugo da Autoridade, mas eles não indicavam os meios de consolidar e defender as conquistas da Revolução. Não tinham concepções claras e precisas de um programa de ação em muitos outros problemas. Era isso que os distanciava da atividade das massas e os condenava por impotência histórica e social. É nesse fato que devemos buscar a causa primordial de sua derrota na Revolução Russa.

E não duvidamos de que, se a revolução irromper em vários países europeus, os anarquistas sofreriam a mesma derrota, pois eles não estão menos – se não ainda mais – divididos no plano das idéias e da organização.

O presente período, quando, aos milhões, trabalhadores se engajavam no campo de batalha da luta social, exigia respostas diretas e precisas dos anarquistas em relação a essa luta e a construção comunista que deve segui-la; isso exigia, do mesmo modo, a responsabilidade coletiva dos anarquistas em relação a essas respostas e propaganda anarquista em geral. Se eles não assumiram essa responsabilidade, os anarquistas, como qualquer outra pessoa nesse caso, não têm direito de fazer propaganda de uma maneira inconseqüente entre as massas trabalhadoras, que relutavam em concordar com pesados sacrifícios e perder inúmeras vítimas.

Nesse nível, não é uma pergunta de um jogo ou um objeto de experimentação. É como, se não temos uma União Geral dos Anarquistas, não podemos fornecer respostas comuns a todas aquelas perguntas vitais.

No início deste artigo, o companheiro Malatesta surge para saudar a idéia da criação de uma vasta organização anarquista, entretanto, ao repudiar categoricamente a responsabilidade coletiva, ele interpreta como impossível a realização de tal organização. Ela não será possível se não existir um acordo teórico e organizacional, constituindo uma plataforma comum em que milhares de militantes possam reunir-se. À medida que aceitarem essa plataforma, ela deve ser obrigatória para todos. Aqueles que não reconhecem esses princípios básicos não podem se tornar, e ademais eles mesmos não iriam querer, tornar-se membros da organização.

Dessa forma, essa organização será a união daqueles que terão uma concepção comum de uma linha teórica, tática e política a ser realizada.

Conseqüentemente, a atividade prática de um membro da organização estará naturalmente em plena harmonia com a atividade geral e, inversamente, a atividade de toda a organização não saberá como estar em contradição com a consciência e a atividade de cada um de seus membros, se eles aceitarem o programa no qual a organização está fundada.

É isso o que caracteriza a responsabilidade coletiva: toda a União é responsável pela atividade de cada membro, sabendo que eles realizarão seu trabalho político e revolucionário no espírito político da União. Ao mesmo tempo, cada membro é inteiramente responsável por toda a união, enxergando que sua atividade não será contrária àquela elaborada por todos os seus membros. Isso não significa por pouco que seja qualquer autoritarismo, como o companheiro Malatesta afirma com firmeza, é a expressão de um entendimento consciente e responsável do trabalho militante.

É óbvio que, ao solicitar-se que os anarquistas organizem a base de um programa definitivo, não estamos querendo retirar o direito de anarquistas de outras tendências se organizarem como bem entenderem. No entanto, somos persuadidos de que, a partir do momento em que os anarquistas criarem uma organização importante, o vazio e a vaidade das organizações tradicionais serão reveladas.

O princípio da responsabilidade é entendido pelo companheiro Malatesta no sentido de que uma responsabilidade moral dos indivíduos e dos grupos. É por isso que ele só confere a assembléias e suas resoluções o papel de uma espécie de conversa entre amigos, na qual se pronunciam somente desejos platônicos.

Essa maneira tradicional de representar o papel das assembléias não faz frente ao teste da vida. Na verdade, qual seria o valor de uma assembléia se ela tivesse somente “opiniões”, e não trouxesse fatos que pudessem ser realizados na vida real? Nenhum. Em um movimento vasto, uma responsabilidade unicamente moral e não-organizacional perde todo o seu valor. Vamos à pergunta com relação a maiorias e minorias. Acharmos que toda discussão sobre esse assunto é supérflua. Na prática, isso foi resolvido há um bom tempo. Sempre e onde quer que estejamos, problemas práticos foram resolvidos por uma maioria de votos. É completamente compreensível, pois não há um outro modo de resolver esses problemas dentro de uma organização que deseja agir.

Em todas as objeções levantadas contra a Plataforma, há uma falta de recursos até o momento em que a compreensão da mais importante tese que ela contém; a compreensão de nossa abordagem do problema organizacional e do método de sua resolução. Na verdade, uma compreensão desses fatores é extremamente importante e possui uma significância decisiva com a idéia de uma apreciação precisa da Plataforma e toda a atividade organizacional do grupo de *Dielo Trouda*.

O único modo de sair do caos e reviver o movimento anarquista é um clarificação teórica e organizacional de seu meio, levando a uma diferenciação e à seleção de um centro ativo de militantes, na base de um programa prático e homogeneamente teórico. É nisso que reside um dos princípios objetivos de nosso texto.

O que nossa clarificação representa e a que ela deve levar? A falta de um programa geral homogêneo sempre foi uma falha muito notável no movimento anarquista e contribuiu para torná-lo frequentemente muito vulnerável, sua propaganda nem sempre sendo coerente e consistente em relação às idéias professadas e aos princípios práticos defendidos. Muito pelo contrário, sempre o que é propagado por um grupo é em qualquer outro lugar denegrido por outro grupo. E não somente em aplicações táticas, mas também em teses fundamentais.

Certas pessoas defendem tal estado de ação dizendo que desse modo é explicada a variedade das idéias anarquistas. Bem, admitamos tal fato, mas qual interesse pode essa variedade representar para os trabalhadores?

A luta e o sofrimento hoje em dia, agora e imediatamente, precisam de um concepção precisa da revolução, que pode levá-los para a sua emancipação em seguida; eles não precisam de uma concepção abstrata, mas um concepção viva, real, elaborada e que responda às suas necessidades. Enquanto os

anarquistas sempre propuseram, na prática, inúmeras idéias contraditórias, sistemas e programas, em que o mais importante era estar próximo do insignificante ou apenas contradizer uns aos outros. Em tais condições, é facilmente compreensível que o anarquismo não possa e nunca poderá, no futuro, impregnar as massas e ser alguém com elas, a fim de inspirar seu movimento emancipatório. Porque as massas sentem a futilidade de noções contraditórias e as evita instintivamente; em vez disso, em um período revolucionário, elas agem e vivem em um modismo libertário.

Concluindo, o companheiro Malatesta acha que o sucesso dos bolcheviques em seu país tira o sono dos anarquistas russos que editaram a Plataforma. O erro de Malatesta é que ele não se dá conta de que as circunstâncias extremamente importantes de que a Plataforma de Organização é o produto não somente da revolução russa, mas também do movimento anarquista nessa revolução. Agora é impossível não se dar conta dessa circunstância para que alguém possa resolver o problema da organização anarquista, sua forma e sua base teórica. É indispensável olhar para o lugar ocupado pelo anarquismo no grande revolução social de 1917. Qual foi a atitude das massas insurgentes em relação ao anarquismo e aos anarquistas? O que apreciavam neles? Por que, em vez disso, o anarquismo teve um retrocesso na revolução? Que lições podem ser aprendidas? Todas essas perguntas, e muitas outras, devem inevitavelmente ser feitas àqueles que atacam as questões levantadas pela Plataforma. O companheiro Malatesta não fez isso. Ele tratou do problema atual da organização na abstração dogmática. Isso é muito incompreensível para nós, que nos acostumamos a ver nele não um ideólogo, mas alguém que pratica o real e ativo anarquismo. Ele está disposto a examinar em que medida essa ou aquela tese da Plataforma está ou não de acordo com os pontos de vista tradicionais do anarquismo, então ele as refute, ao ver que são opostas àquelas antigas concepções. Ele não pode levar a si mesmo a pensar que poderia ser o contrário, que é precisamente isso o que seria errôneo e que necessitou da presença da Plataforma. É assim que pode ser explicada toda a série de erros e contradições levantados acima.

Notemos nele uma grave negligência; ele não lida de modo algum com a base teórica, nem com a seção construtiva da Plataforma, mas unicamente com o projeto da organização. Nosso texto não somente refutou a idéia de síntese, bem como a do anarco-sindicalismo como inaplicável e falido, também avançou o projeto de um agrupamento de militantes ativos do anarquismo na base de um programa mais ou menos homogêneo. O companheiro Malatesta deveria ter se atido com precisão sobre esse método; no entanto, ele passou por

esse ponto em silêncio, bem como pela seção construtiva, embora suas conclusões aparentemente se apliquem à totalidade da Plataforma. Esse fato dá ao seu artigo um caráter instável e contraditório.

O comunismo libertário não pode se prolongar no impasse do passado; ele deve ir além, combatendo e superando suas faltas. O aspecto original da Plataforma e do grupo de *Dielo Trouda* consiste precisamente em que eles são estranhos a dogmas ultrapassadas, a idéias prontas e, muito pelo contrário, se empenham em conduzir sua atividade começando pelos fatos reais e presentes. Essa abordagem constitui a primeira tentativa de fundir o anarquismo à vida real e criar uma atividade anarquista nesses termos. É somente assim que o comunismo libertário pode superar a si mesmo livre de um dogma caduco e fomentar o movimento vivo das massas.

Dielo Trouda, n.º 30, maio de 1928, páginas 4-11.

A DISCUSSÃO SOBRE A PLATAFORMA HOJE

O Movimento Makhnovista

Não é objetivo deste livro analisar em profundidade o movimento makhnovista. O eixo desta publicação é a reflexão que se fez no meio anarquista após os acontecimentos da Revolução Russa; mas, não podemos deixar de fazer uma avaliação sintética sobre a makhnovstchina.

Os anarquistas têm reivindicado para si a luta do movimento makhnovista, em parte estão com a razão, pois a ação do grupo anarquista-comunista de Goulai-Polé e de Nestor Makhno, militante anarquista desde 1905, foram determinantes na sua formação. Porém, não se pode ignorar que os makhnovistas desenvolveram seu movimento independentemente do movimento anarquista como um todo, foram poucas as organizações especificamente anarquistas que atuaram em conjunto com os makhnovistas.

Os anarquistas ucranianos amargaram o isolamento e o abandono por parte do próprio movimento anarquista desde o início da Revolução Russa, o texto de Archinov mostra isso de maneira bem clara.

Quando nos contam a história dos anarquistas ucranianos, do movimento makhnovista hoje em dia muitos "detalhes" incômodos são deixados de lado. Apresenta-se o movimento makhnovista (e também a Revolta de Kronstadt) como sendo produto da atuação do movimento anarquista como um todo: e não foi.

A verdade é que a maioria das correntes e militantes anarquistas da Rússia não trabalhou junto com o movimento makhnovista e sequer o apoiou. O movimento makhnovista foi impulsionado por uma parcela dos anarquistas, e é preciso que se diga: a minoria.

A grande maioria se perdeu em meio a discussões estereis enquanto o *couro comia*. Ficaram em polêmicas inúteis sobre o caráter do movimento makhnovista. Se discutiu muito se o movimento era ou não anarquista e, havia por parte de muita gente do meio libertário a idéia de que os movimentos sociais para serem legítimos, deveriam ser necessariamente anarquistas. Óbvio que isso sempre foi e sempre será impossível. Apenas uma minoria se

considerava anarquista (assim como em todos os episódios históricos impulsionados por anarquistas), embora os anarquistas contassem com a simpatia popular e fossem referências de luta para a classe.

Enquanto muita gente se perdia nestas polêmicas, a guerra civil acontecia, pessoas morriam de fome, frio, balas e baionetas. O próprio Kropotkin, para imensa decepção dos anarquistas russos, se negou a manifestar qualquer tipo de apoio.

O descuido dos anarquistas e sua fragilidade numérica e orgânica impediram este movimento de criar em conjunto com os makhnovistas um bloco revolucionário capaz de influenciar mais decisivamente os rumos da revolução. Para os makhnovistas esta impossibilidade significou, durante os períodos mais tumultuados da guerra civil, restringir demais sua ação aos aspectos militares, uma das graves limitações que a guerra impôs ao movimento, constituindo um de seus pontos fracos.

Outra fragilidade dos makhnovistas foi a ausência de bases de apoio sólidas nos centros urbanos, esta dificuldade está ligada à ênfase no trabalho militar de Goulai-Polé e cercanias, essa falta deixou o movimento demasiadamente isolado e restrito, o que facilitou a campanha de difamação e repressão por parte da contra-revolução bolchevique.

Os makhnovistas também se deixaram iludir em algumas oportunidades, acreditando que os conflitos com a ditadura bolchevique se limitariam a uma disputa política, no campo das idéias.

A única possibilidade de vitória dos makhnovistas estava em poder realizar um trabalho social profundo, que transformasse positivamente a realidade social e fosse além dos limites das aldeias camponesas do sudeste da Ucrânia, atingindo as massas operárias das cidades, mas não foi o que aconteceu. Os dois últimos anos do movimento makhnovista foram os de sua ação preponderantemente militar. A dificuldade criada pela guerra de realizar um trabalho social mais intenso, aliada a absoluta falta de apoio de um número maior de militantes para levar adiante este trabalho, comprometeu com o tempo a existência do movimento enquanto força social, aí está, a nosso ver, a razão principal de sua derrota.

A derrota do Exército Revolucionário Insurrecional Makhnovista, ao lado do esmagamento da Insurreição operária de Kronstadt, assinalaram a consolidação definitiva da ditadura bolchevique sobre os trabalhadores russos. O poder de decisão dos soviets, já bastante abalado, estava definitivamente enterrado. O que veio depois todos nós sabemos.

Os anarquistas russos avaliam sua experiência

Apesar da luta heróica que os makhnovistas levaram adiante, eles tinham plena consciência de que foram derrotados. Muitos foram mortos, outros encarcerados, o exército destruído e no final das contas a única alternativa foi a fuga para exílio, escapando da morte diversas vezes.

O destino deste grupo de anarquistas foi a França. Lá encontraram as condições mínimas para avaliar as coisas. Poderiam ter “deitado na fama” junto ao meio libertário, motivos estes anarquistas russos tinham de sobra.

Derrotaram o poderoso exército alemão que já tomava conta de boa parte da Rússia, invadindo a Ucrânia com a “permissão” dada pelos bolcheviques através do Tratado de Brest-Litovsk.

Derrotaram diversas vezes os exércitos contra-revolucionários de Wrangel e Denikin, os chamados “exércitos brancos”, isso depois de humilhantes derrotas do Exército Vermelho que bateu em retirada. Derrotaram por 3 vezes o próprio Exército Vermelho, e em várias oportunidades os soldados vermelhos, após escutarem os argumentos dos makhnovistas, se negaram a combater, se solidarizaram com Exército Revolucionário Insurrecional, e muitos chegaram a desertar para este último. Foi preciso que se trouxesse soldados das regiões asiáticas da Rússia, que não entendiam a mesma língua, para que se evitasse o risco de solidariedade e deserção. Foi preciso que o próprio Trótski assumisse o comando do “caso Ucrânia”.

Não foi pouca coisa o que fizeram estes anarquistas ucranianos. E mesmo assim, ao contrário de muitos que sequer têm motivos para ostentação, decidiram fazer auto-crítica de sua atuação e a crítica da atuação anarquista na revolução russa.

Tiveram a coragem de não ficar apenas acusando os inimigos, os adversários, as circunstâncias históricas e se auto-absolvendo de responsabilidades. Resolveram entender porque não superaram estes obstáculos, afinal de contas, a existência de inimigos e situações adversas não é explicação satisfatória para a derrota.

Este foi o contexto onde se produziram os textos deste livro. Não são devaneios. São teorizações a partir de uma realidade. Tiveram a coragem de colocar o dedo em muitas feridas do movimento anarquista. E a verdade é que muita gente se doeu. E não foi à toa.

Do acúmulo de discussões, da publicação e debate sobre vários textos do grupo *Dielo Trouda* foi gestando um projeto anarquista. Opiniões esparsas foram sistematizadas, a experiência recolhida e o produto desta reflexão está

sintetizado no texto *Plataforma de Organização*.

É um texto de 1927. Nunca se pode esquecer isso. Já se passaram mais de sete décadas. Mas existem passagens que poderiam ser escritas hoje com a maior tranquilidade:

“Em todos os países, o movimento anarquista é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.

Considerando-o como um todo, tal estado de anarquismo revolucionário só pode ser descrito como “desorganização geral crônica.

Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos.”

Esta e outras passagens são de uma infeliz e lamentável atualidade. Porém existem passagens que tem a ver com a conjuntura do período e com a conjuntura européia. Querer fazer uma aplicação ao pé da letra deste texto para hoje seria indício de cegueira e fanatismo político.

Também avaliamos que o projeto plataformista tem a pretensão de unir a todos os anarquistas, o que ao nosso ver é um erro para hoje, e já era um erro àquela época.

Não consideramos o *Plataforma de Organização* como um programa adequado para hoje. Um programa para os dias de hoje seria algo bem mais complexo e bastante diferente. Está por se construir.

A validade do *Plataforma de Organização* está a nosso ver naquilo que aponta em sua linha geral, naqueles aspectos que eram válidos em 1927 e que continuam válidos hoje:

- 1) a organização como fator fundamental para o anarquismo;
- 2) o papel essencial da luta de classes e o caráter classista e social do anarquismo;
- 3) a compreensão da necessidade de disciplina e responsabilidade coletiva;
- 4) compreensão sobre a necessidade do emprego da violência em determinadas etapas de um processo revolucionário;
- 5) a crítica a postura individualista e a uma falsa idéia de liberdade, que gera a irresponsabilidade.

O desconhecimento sobre estes textos

A simples leitura dos textos que agora publicamos causa surpresa em muitos pelo conteúdo. Alguns chegaram a exclamar - *Mas isso é anarquismo!?!?* Sim, isso é anarquismo! E não apenas é anarquismo, como é uma de suas partes mais representativas historicamente.

São textos quase desconhecidos, apesar de serem todos eles da década de 1920! E não estamos falando do desconhecimento por parte do grande público, quase sempre privado do acesso aos livros pela situação social. Falamos da própria esquerda; e vamos mais longe ainda: estes textos são desconhecidos dos próprios anarquistas, da grande maioria deles.

Não se trata aqui de autores e personagens “menores”, “obscuros” ou “malditos”, estamos falando simplesmente de Nestor Makhno! A figura mais destacada do anarquismo na Revolução Russa! Uma das maiores referências dentro do meio anarquista, exaltado por muitos pela sua atuação.

Mas se o Makhno personagem histórico é conhecido de muitos, a história de sua luta permanece quase desconhecida. Se o Makhno, quase mito, é reivindicado por quase todos, o mesmo não se pode dizer de suas idéias. O que resiste é muito mais o Makhno emblema, mito, herói, do que a história e o pensamento deste homem.

Para quem conheceu um pouco destas idéias é impossível encontrar coerência entre elas e a prática (ou a falta de prática) de muita gente do meio libertário que reivindica o próprio Makhno. Que paradoxo absurdo! Como diz o ditado, *“Conta-se o santo, mas não milagre”*.

Mas esta situação está longe de ser novidade. O distanciamento no tempo e no espaço escondeu muita coisa. Correntes anarquistas que historicamente pouco ou nada tem a ver com o movimento makhnovista reivindicam hoje em dia este movimento. Não é agradável para muita gente que se diga isso, mas a verdade precisa ser dita. Ao mesmo tempo que se abandonou a prática e as idéias, se cultuou o mito, vazio de conteúdo.

Quem tem a oportunidade de conhecer um pouco mais o que existe de produção anarquista percebe de imediato que existe uma pluralidade muito grande de correntes, pensamentos diversos dentro do que se concebe como anarquismo.

Mas na maioria dos casos esta pluralidade é apresentada de forma harmônica, como se o anarquismo fosse um grande mosaico, composto de partes distintas, mas que se completam e se harmonizam.

Neste tipo de visão não há conflito, não há grandes contradições entre as várias correntes anarquistas. A prática desmente isso. Existem diferenças

que tornaram, e tornam ainda hoje, impossível um trabalho conjunto entre determinadas correntes.

O mesmo se dá no plano das idéias e concepções, basta uma leitura um pouco atenta para notar que é impossível que exista conciliação entre algumas correntes. Plataformistas e individualistas, por exemplo, nada têm em comum e seria ilusório imaginar que, pelo simples fato de ambos se chamarem anarquistas, isto torne possível um trabalho conjunto.

Por se negar a reconhecer os conflitos e contradições existentes no anarquismo muita gente tenta passar uma imagem una de anarquismo, ao mesmo tempo plural. Isso se faz às custas da ocultação de textos e correntes que poderiam por em cheque esta "harmonia".

Certos textos são incômodos, "polêmicos" e sobretudo destroem o falso consenso reinante, derrubam o frágil castelo de areia do "anarquismo harmônico". Certas correntes anarquistas, determinados grupos e organizações também incomodam bastante. Quase sempre são os que fizeram algo de prático e na história pagaram o preço se tornando alvo das críticas.

Como estas correntes também põe por terra as teses de um "anarquismo plural e harmônico", elas são excluídas do próprio anarquismo na base da mentira e da acusação. Algo de comum entre Makhno e Durruti por exemplo é que ambos foram chamados, dentro do próprio anarquismo, de "anarco-bolcheviques", ou seja, de maneira totalmente anti-ética, os defensores do anarquismo mais "puro", do anarquismo plural e sem contradições, resolveram eliminar as contradições que existiam na realidade através da mentira, lançando os piores adjetivos para cima dos que dispuseram a fazer algo de prático e escrever algo mais do que sonhos vagos e baboseiras acadêmicas.

É desta forma que os anarquistas mais "plurais" lançam dúvidas sobre o caráter ideológico das correntes que eles não toleram, é assim que se arvoram em donos do anarquismo e proprietários de uma patente que afirma quem é ou não anarquista.

O que se percebe é que existiu de fato um ocultamento desta história e destes textos. Os textos quando são publicados respondem a determinados interesses.

Há o interesse em difundir certo tipo de idéias, assim como há o interesse em manter outras na sombra. Podemos afirmar que até o momento não houve interesse suficiente para se publicar o que pensaram os anarquistas russos que tomaram parte na makhnovstchina.

Para nós é uma honra publicar estes textos. E há uma demanda reprimida por eles, há uma vontade de conhecer o outro lado do anarquismo. Há uma

geração insatisfeita dentro do próprio meio libertário. Pessoas que fazem uma idéia completamente equivocada sobre o que é anarquismo. Uma juventude que olha o que existe por aí e não enxerga alternativa alguma de luta, que está muitas vezes de saco cheio de conversa fiada e a fim de por a mão na massa.

Que esta nossa modesta contribuição possa ajudar àqueles que desejam conhecer e agir mais.

Luta Libertária